

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO/CCE
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO/CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares

Relatório final de estágio

Florianópolis,
Primavera de 2011.

IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SANTOS

LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares

Relatório final de estágio apresentado como requisito para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 8º período do curso de Licenciatura em Letras/Português sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

Florianópolis,
Primavera de 2011.

Não sabemos ao certo como nos marcam as coisas que verdadeiramente nos marcaram.

(SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN)

AGRADECIMENTOS

Aos que possibilitaram histórias contadas e vividas.

Ao Rafa, pelo empréstimo incondicional de seu carro.

Aos que permitiram espaços e lugares, conversas intermináveis, troca de olhares e ideias, indicações de um caminho que constroem a minha história nesse lugar da educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PRIMEIROS OLHARES	6
1. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: algumas observações	8
1.1 A INSTITUIÇÃO educativa.....	9
1.2 Primeiros registros: sentindo o lugar e o tempo.....	11
1.3 A OBSERVAÇÃO: exercício de interpretar.....	13
Observação 1ª aula: terça-feira (16/08/11) 18h50 - 19h29	14
Observação 2ª aula: terça-feira (16/08/11) 19h29 - 20h08	18
Observação 3ª aula: terça-feira (16/08/11) 20h23 - 21h02	20
Observação 4ª aula: sexta-feira (19/08/11) 19h29 - 20h08	22
Observação 5ª aula: sexta-feira (19/08/11) 20h23 - 21h02	23
Observação 6ª aula: terça-feira (23/08/11) 18h50 - 19h29	25
Observação 7ª aula: terça-feira (23/08/11) 20h23 - 21h02	28
Observação 8ª aula: terça-feira (23/08/11) 21h02 - 21h40	31
Observação 9ª aula: sexta-feira (26/08/11) 19h29 - 20h08	32
Observação 10ª aula: sexta-feira (26/08/11) 20h23 - 21h02	35
1.4 O que dizer sobre as horas em observação.....	37
2. PROJETO DOCÊNCIA: olhares norteadores	39
2.1. PlanEJAmento da docência: LUGAR E ESPAÇO.....	40
2.2. Quadro síntese e planos de aula.....	44
PLANO DE AULA 1	45
Anexos - Plano de aula 1	49
PLANO DE AULA 2	54
Anexos - Plano de aula 2:	57
PLANO DE AULA 3	61
Anexos - Plano de aula 3:	64
PLANO DE AULA 4	65
Anexos - Plano de aula 4	68
2.3 Docência e fazer pedagógico: refletindo sobre o vivido.....	74
3. PROJETO EXTRACLASSE: dois momentos	79
3.1 A experiência da contação de histórias.....	81
3.1.1 O planejamento da contação de histórias.....	83
3.2 A experiência com a Literatura Oral Africana.....	87
3.2.1 O planejamento da palestra.....	90
Anexos - palestra literatura oral africana	92
3.3 EXTRACLASSE: aproximações com o cotidiano da sala.....	94
CONCLUSÃO: TECENDO PERGUNTAS SOBRE O ESTÁGIO	96

REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	103
Anexo 1	103
Anexo 2	104
Anexo 3	105
Anexo 4	106

INTRODUÇÃO: PRIMEIROS OLHARES

Do silêncio de cada prática à ousadia de conversar, de contar, de escrever [...]. Conversar com todos, conversar em conjunto, interagir. (OSTETTO, 2001)¹.

Delinear com palavras o registro do vivido, analisar sua importância e consolidar a formação acadêmica para além dos muros da universidade.

Nesse sentido, o presente relatório é o registro das etapas percorridas na formação acadêmica do curso de licenciatura Letras/Português da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especificamente a disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

No referido curso,

[...] o Estágio tem como atribuição a realização de dois exercícios elementares para a aprendizagem da profissão docente. São eles:

- a) Exercício da análise da realidade educacional brasileira [...]
- b) Exercício da prática docente na educação básica. (PPP/letras UFSC) ²

A disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I estabelece 252 horas de atividades, nas quais a aproximação com o espaço da instituição educativa e com as vivências cotidianas possibilitam a intersecção teoria e prática. Contudo, é fundamental pensar que

¹ OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloisa Raquel de; MESSINA, Virgínia da Silva. **Deixando marcas:** a prática do registro no cotidiano da educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

² Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa Licenciatura e Bacharelado. Disponível em: <http://www.llv.cce.ufsc.br/ProjetoPedagSet2006.pdf>

É preciso eliminar o isolamento profissional valorizando os saberes profissionais de cada participante, caminhar em direção às comunidades educativas, construir, em parceria com universidades, centros de formação, escolas, famílias, comunidades e crianças, um processo de formação que melhore a qualidade da educação [...]. (KRAMER, 2002, p, 66).³

Deste modo, o relatório final do estágio indica a trajetória vivenciada no cotidiano da prática docente de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma instituição educativa da rede pública de um município da grande Florianópolis. Avalio que “[...] O estágio é um processo criador, de investigação, explicação, interpretação e intervenção na realidade. Não é reprodução automática do já sabido”. (PEREIRA, 2006, p.62) ⁴

Busco, portanto, na condição de professora graduanda em um curso de licenciatura, apresentar as etapas da inserção⁵ à instituição educativa através de registros do período de observação e docência, participação nas atividades de formação continuada e elaboração/execução de um projeto de trabalho para atividades extraclasse.

Compreendo que para registrar é preciso estar inserido no contexto educativo de modo a sentir o lugar e perceber o espaço institucionalizado a partir da perspectiva da experiência.

³ KRAMER, S. **Propostas pedagógicas ou curriculares de educação infantil:** para retomar o debate. Revista Pro-posições, Faculdade de Educação da UNICAMP, v. 13, n. 2 (38), maio 2002, p. 65-82.

⁴ PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de Professores:** pesquisa, representações e poder. 2ª Ed. Autêntica, 2006.

⁵ Período de inserção na instituição: segundo semestre/2011.

1. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. (TUAN, 1983, p. 151)⁶.

Construir um olhar que pudesse revelar espaços e lugares do contexto educativo, no sentido de redimensionar nossas práticas educativas para melhor compreender os sujeitos de direito que frequentam a instituição. Esse foi um dos maiores desafios durante o período do Estágio.

Segue, no decorrer, o registro desses momentos.

⁶ TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983

1.1 A INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história. (WEFFORT, 1996, p. 40)⁷

Exercício de olhar e escrever acerca de um cotidiano educativo de educação de jovens e adultos (EJA). Foi pensando assim que estabeleci meus passos e meu olhar no Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA), carinhosamente conhecido por Barreirão.

A instituição, localizada na Travessa Paulo Luckner, transversal à rua: Otto Júlio Malina, s/n, bairro Ipiranga, oferta ensino fundamental regular (1º a 8ª série e ensino de 9 anos em implantação) e a modalidade educação de jovens e adultos (nos níveis fundamental e médio). Atende crianças, adolescentes, jovens e adultos das comunidades e bairros: Barreiros, Bela Vista, Ipiranga, Dona Adélia, Jardim Florianópolis, Jardim das Acácias, Jardim Santiago e localidades vizinhas.

O centro educacional foi construído em 2001, amparado pela Lei Nº 3772 de 17 de dezembro de 2000. Iniciou as atividades em 11 de Março de 2002, sendo inaugurado oficialmente em 22 de Março. O quadro de funcionários da escola é composto por 121 profissionais habilitados, entre efetivos e contratados em caráter temporário: professores, diretores, secretários, especialistas em assuntos

⁷ WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro e Reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

educacionais, auxiliares de ensino, agentes de serviços gerais.⁸

Considerada a segunda maior instituição educativa do município, o CEMIA atende cerca de 1500 estudantes e tem como proposta "a elaboração, reelaboração e apropriação do conhecimento"⁹

Registrado o espaço agora resta-nos conhecer o lugar.

⁸ Informações disponíveis no Projeto Político Pedagógico da referida instituição.

⁹ Idem.

1.2 Primeiros registros: sentindo o lugar e o tempo

Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais [...]. Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos. (TUAN, 1983, p. 203) ¹⁰.

Conhecer um lugar e registrá-lo. Inauguro meu lugar de observadora de um cotidiano, da prática educativa do outro. Falo de um lugar, intenso de experiências e de diferentes olhares: sou recebida pela professora Karla Parmigiani Pereira, regente da disciplina de português na 5ª série - modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No espaço de uma sala com trinta carteiras/cadeiras, ventilador, giz, apagador e o tão conhecido quadro verde; sou uma forasteira munida de caderno e caneta. E diferentemente do que pensava a turma é composta por em média 18 estudantes, na maioria jovens em torno de 15/16 anos.

É estranhamento a primeira sensação sentida, e logo de início a pergunta veio da fila da parede: "*Vais escrever tudinho que a gente faz?*" Limito-me a sorrir e responder: "*Quase tudo.*" E seguida da resposta, penso nesse universo de jovens e adultos dentro e fora das instituições educativas pelo país e nas relações que os sujeitos/estudantes estabelecem com o saber, ou seriam saberes?

Questiono-me quanto à ruptura de algumas convicções persistentes na história da educação do país, no que se refere aos saberes exclusivamente escolares, que na maioria

¹⁰ TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

diluem-se fora dos muros da escola. Conhecer o lugar de Educação Jovens e Adultos é ponderar que

[...] cada um tem uma relação com o saber, inclusive quando não gosta de estudar. [...] O problema não é dizer se a relação do aluno com o saber é 'boa' ou não, mas sim, entender as contradições que o aluno enfrenta na escola. Ele vive fora da escola formas de aprender que são muito diferentes daquelas que o êxito escolar requer. Essas contradições é que se deve entender. (CHARLOT, 2009, sp)¹¹

Sim, contradições, essa seria a palavra para definir minhas tantas perguntas diante de uma turma composta de jovens em torno de 15/16 anos e de três mulheres adultas (60, 40 e 30 anos respectivamente). Revisito as teorias de aprendizagem na tentativa de encontrar algo que responda ao que se chama realidade escolar, e quais seriam as estratégias de ensino/aprendizado que essa turma revela? Volto a Charlot: "Ir à escola, estudar (ou recusar-se a estudar), aprender e compreender, seja na escola seja em outros lugares: qual o sentido isso tem para os jovens, em particular nos meios populares?"¹²

Assim, busco estabelecer um olhar que possa redimensionar nossas práticas cotidianas como profissionais da educação, cujo foco, para além da língua portuguesa, é de uma educação preocupada com sujeitos de direito.

¹¹ CHARLOT, Bernard. **Desafios da educação na contemporaneidade**: reflexões de um pesquisador. Entrevista disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=29812343012>

¹² Idem.

1.3 A OBSERVAÇÃO: exercício de interpretar

A observação cumpre um papel relevante ao contribuir para a percepção da realidade - objeto do registro do(a) professor(a). Ela faz notar o que não aparece com evidência e que exige saber ver, ouvir e interpretar. (SECAD/MEC, 2006)¹³

O exercício de observar o lugar e a prática cotidiana no EJA ocorreu entre os dias 16 e 26 de agosto de 2011. Segue, aqui, meu ensaio de um registro reflexivo acerca desse período na instituição, considerando que a ação de olhar implica estudo de si e do grupo, é um aprendizado. Não se trata aqui de apontar erros/acertos da prática educativa do outro e sim apreender a realidade de um contexto, no qual diferentes sujeitos partilham o mesmo espaço. Resta saber como significam esse mesmo lugar carregado de relações e experiências.

Meu exercício pautou-se na tentativa de interpretar os significados dessas relações estabelecidas entre os sujeitos da instituição e "Neste sentido o olhar e a escuta envolvem uma ação altamente movimentada, reflexiva, estudiosa". (WEFFORT, 1996, p, 39)¹⁴. Meu olhar investigativo buscou indícios para propor uma situação de aprendizagem, a qual fez parte do momento de docência do estágio supervisionado.

¹³ SECAD/MEC, **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: observação e registro**. Brasília, 2006.
Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno3.pdf

¹⁴ WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro e Reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

Tema norteador: elementos da narrativa

A chegada.

O grande portão de ferro espreita ao fim da pequena rua transversal, alheio ao movimento intenso de ônibus, pedestres e carros que circulavam pela rua principal. Demoro-me nesse pequeno trajeto e olho o pulsar do início da noite. Crianças ainda saem da instituição, algumas meninas vestidas de bailarina, possivelmente vindas da aula de dança. Um ir e vir de estudantes e de diferentes idades.

Atravesso o portão, e mais crianças passam por mim indiferentes com a minha presença. Estão atentas aos seus instrumentos musicais, é dia de ensaio da fanfarra. Impressiona-me o cuidado e propriedade com que carregam os materiais, algo de responsabilidade e orgulho, são pequenos e jovens artistas da música.

Sigo em direção ao primeiro andar e pela rampa sou envolvida pelo cheiro da merenda escolar, o que me transportou imediatamente a um outro tempo escolar, o meu tempo...

Passam, por mim, jovens meninos e meninas, apressados, carregando bolsas e celulares, seguem para suas respectivas salas.

E eu, encontro a sala dos professores.

O relógio marca os poucos minutos de transição para os professores organizarem e seguirem para suas aulas. Alguns conversam, outros visivelmente cansados limitam-se a pegar materiais no armário. Penso nas condições de trabalho desses profissionais, e nas escolas 'ideais' da teoria. Penso no distanciamento entre as questões teóricas e aquilo que a realidade suscita. Então, o que dizer dessa realidade brasileira, na qual

[...] há cerca de 1.800.000 professores. Não são 1.800.000 heróis. São trabalhadores que querem fazer um bom trabalho e não podemos exigir que sejam todos santos, militantes, heróis. [...] devemos trabalhar mais com a realidade da escola brasileira e não como deve ser uma escola ideal. (CHARLOT, 2009, p.17)¹⁵

É início de noite e muitos dos profissionais estão no terceiro turno de trabalho. Nessas mesmas condições chega Karla, com bolsas e muitos papéis (produções dos estudantes, textos e livros). Nossa apresentação foi rápida, afinal o relógio já nos expulsava da sala de professores eram quase 18h50. Seguimos apressadas, ela concentrando-se para sua aula e eu buscando sentir o lugar da 5ª série do EJA.

Poucos estudantes já estavam em sala, Karla os recebe cordialmente e retoma no quadro elementos da narração, na intenção de discuti-los em uma produção textual. Sua estratégia é sem delongas, inicia imediatamente o assunto recuperando a aula anterior e situando aos que faltaram sobre a produção textual do dia: escrever uma história.

Preocupa-se em lembrá-los:

— *"Sempre coloquem a data no caderno"*

— *"Linha nova no caderno"*

— *"Escrevam até o fim da linha no caderno"*

— *"Quando faço um traço, é uma linha em branco"*

Pequenos lembretes que revelam a preocupação em situá-los quanto à organização da escrita em seus cadernos.

Enquanto copiam nos cadernos os elementos da narração, a chamada foi feita, seis estudantes presentes inicialmente. A turma teria três aulas de português com intervalo, entretanto, a falta da professora da disciplina

¹⁵ CHARLOT, Bernard. **Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador.**

Entrevista disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspeal2.pdf>

de matemática (2ª aula) implicou em um remanejamento do horário, as aulas de português seriam sequenciadas.

Karla inicia a explicação sobre a narrativa, escrevendo no quadro elementos da narração, os quais estão transcritos abaixo:

Elementos da narração:

- 1) Fato (o que vai narrar)
- 2) Tempo (quando o fato ocorreu)
- 3) Lugar (onde o fato se deu)
- 4) Personagens (quem participou do ocorrido ou observou)
- 5) Causas (motivo que determinou a ocorrência)
- 6) Modo (como se deu o fato)
- 7) Consequências

Demora-se em cada item, usa exemplos do cotidiano, da comunidade, aproximando-os dessa narrativa que vai sendo construída na oralidade. Pede a contribuição da turma com idéias sobre cada elemento e aos poucos interagem com a situação de aprendizado. Karla avança na explicação somente quando a turma indica a compreensão dos elementos.

Utiliza, por fim, uma história para exemplificar "Briga no mercado" e transcorre pontuando cada elemento da narração. Propõe uma produção textual para ser feita na segunda aula (remanejamento do horário em função da falta da outra professora) e discorre sobre o que é narração a partir do esquema, transcrito a seguir:

Esquema de narração

- 1º **Parágrafo** = explicar que fato será narrado (introdução)
- 2º **Parágrafo** = causa e apresentação dos personagens (desenvolvimento)
- 3º **Parágrafo** = modo como tudo aconteceu, detalhadamente (desenvolvimento)
- 4º **Parágrafo** = consequências do fato (conclusão)

Continua a explicação pontuando o que basicamente compõe um texto: introdução/desenvolvimento e conclusão. E pergunta:

— “O que é parágrafo?”

— “É quando a pessoa fala.” — Aluno

— “Não, isso é travessão.” — Karla e exemplifica mostrando em um texto o que é parágrafo. E emprega exemplos reais da fala cotidiana (diálogos) e esclarece a sinalização gráfica que indica os falantes.

Apresenta e constrói com a turma sugestões de tema para a produção textual:

✓ Uma noite assustadora	✓ Um seqüestro
✓ Um assalto	✓ Uma briga no mercado
✓ Um passeio/viagem	✓ Uma festa
✓ Uma briga	✓ Um incêndio

Karla comenta de histórias reais e da possibilidade de incluir detalhes não fictícios e “da quantidade de histórias que se tem para contar, afinal histórias acontecem a todo instante. O que precisamos fazer é escolher uma para contar e escrever”. Explica o foco narrativo, dentro ou fora do texto; e continuamente se utiliza do cotidiano para aproximá-los da escrita.

Um aluno ‘R’¹⁶ chega quase no final na aula e Karla o localiza da proposta de produção do texto a ser feita na aula seguinte.

Fim da primeira aula.

¹⁶ Os nomes verdadeiros serão preservados.

Tema norteador: produção textual

Continuo registrando...

A professora de matemática não veio, e a turma ficou com uma "janela" na grade. Deste modo, a aula de português foi antecipada da seguinte forma: a proposta de Karla para o dia seria de uma produção textual, então os estudantes utilizariam esse tempo para escreverem sozinhos seus textos.

Karla está na sala em frente (6ª série/EJA) e enfrenta uma realidade quase impossível sob o ponto de vista da física: estar em dois lugares ao mesmo tempo. Questiono-me quanto às contradições e tensões da educação, sobre teorias que se afastam da prática e no quanto o curso é deficitário no que se refere às disciplinas da licenciatura. Então, conseqüentemente, é urgente repensar acerca do "[...] que está vivendo o professor "normal", isto é, a professora¹⁷ que atua a cada dia numa dessas salas de aula que constituem a realidade educacional brasileira" (CHARLOT, 2008, p.20) ¹⁸

Volto o olhar para a sala: sem a presença da professora, poucos estão interessados na produção de texto:

— *"Ainda tem muito tempo para fazer a tarefa"*.

No fundo da sala, um grupo de estudantes é desafiador. Enquanto Karla explicava, na aula anterior, eles conversavam e com sua ausência, a fala:

— *"Não tem professora mesmo..."*

Não sei ao certo se percebem minha presença...

¹⁷ Bernard Charlot justifica em seu artigo o emprego da palavra 'professora': "utilizo-a quando penso na pessoa singular que cumpre essa função, no cotidiano".

¹⁸ CHARLOT, Bernard. **O professor na sociedade contemporânea**: Um trabalhador da contradição. In: Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

Alguns se debruçam na janela, riem, preocupam-se com a movimentação do pátio externo e fazem brincadeiras, enquanto isso, eu só escrevo. Não percebem que o resto da turma esforça-se para escrever, para produzir.

A aluna 'M' reclama do barulho e pede colaboração. O silêncio, aos poucos, acontece. Mas a realidade ainda é difícil, sem professora na sala, a produção não é efetiva.

A coordenadora de ensino entra na sala e faz a distribuição do livro didático (doravante LD)¹⁹ mediante a assinatura do termo de compromisso. Menciona que é um empréstimo, a matrícula do próximo ano está vinculada a devolução do material e, portanto requer cuidados de conservação. O aluno 'F' pergunta ao receber o LD:

— *"Posso usar o mesmo livro da mãe, não precisa pra mim. Pode ser?"*

A coordenadora interrompe a distribuição e explica que ele não precisava se preocupar, pois havia livros para todos da turma, não vai faltar para ninguém.

'F' olha para o seu livro, vira-se e sorri para a mãe 'D' em cumplicidade. Os dois (mãe e filho) sorriem sem nada dizer. Fico pensando na sua preocupação e no que significaria um livro só para ele.

O sinal toca avisando o fim da aula e todos saem apressados para o recreio.

Dirijo-me para a sala dos professores e encontro com Karla. Ela comenta sobre sua preocupação com a proposta da escrita em sala, e explica-me sobre as seis avaliações previstas para o semestre letivo. Conta-me que as produções (atividades ou textos) são realizadas em sala e recolhidas no mesmo dia, em função de que muitos faltam e se o material está com ela é possível retomá-los com a turma a

¹⁹ OLIVEIRA, Tânia Amaral, e Outros. **EJA - Educação de Jovens e Adultos** - 5ª série Editora IBEP, 2007.

medida que estão presentes. O relógio apressa-nos, é tempo de voltar para a sala de aula.

Observação 3ª aula: terça-feira (16/08/11) 20h23 - 21h02

Tema norteador: produção textual e leitura de texto

Karla retoma a aula e dispõe um tempo para terminarem as produções. 'R' diz (em tom de voz alterado) que não sabia o que era pra fazer e por isso não fez o texto. Karla mantém-se firme e o convence a fazer a produção.

Enquanto espera o término da produção, Karla conversa comigo sobre avaliações e a importância em dar a devolutiva para cada um. Mostra-me a correção das produções anteriores, e diz que na medida do possível retoma individualmente os pontos corrigidos para ampliação da escrita.

Tempo encerrado e os estudantes entregam suas produções. Karla propõe a leitura de um texto e esclarece sobre o tipo de linguagem de um conto em prosa poética. Anuncia que os textos podem ter uma linguagem poética sem necessariamente serem poesias e que quando se escreve é possível sim brincar com as palavras.

Distribui o texto *Fiapo de Trapo*²⁰, inicia a leitura do material e em seguida conversa sobre quem é o narrador do texto, retoma a localização de parágrafo e travessão, os diálogos do texto, o significado de 'fiapo de trapo', em que lugar acontece a história e o porquê da expressão 'um espanto de espantinho'. A turma responde oralmente aos questionamentos e segue na proposta de responder as questões de interpretação do texto.

Karla lê as perguntas e auxilia a turma retomando a conversa inicial sobre os elementos do texto, tem o cuidado

²⁰ *Fiapo de trapo*, texto de Ana Maria Machado. Disponível no anexo 1 desse relatório.

de ler cada pergunta e atenta para quem tem dificuldade de localizar as informações.

As atividades em sala são entregues para a professora, e farão parte do *portfólio* avaliativo da turma, que lembra:

— *“Mesmo que não terminem, as folhas serão recolhidas e devolvidas na próxima aula.”*

O sinal interrompe Karla e o combinado é de continuar a atividade na próxima aula. O material (folha com a atividade e o texto) é recolhido e fica a preposição de continuar a interpretação na sexta-feira, dia da próxima aula.

Encaminho-me para a saída carregando sensações e questionamentos. Ainda não pertenço à turma, aprendo o exercício do olhar, meu e deles.

Penso na primeira conversa com Karla sobre a formação continuada, ela comenta sobre *“um mundo real que não se fala na formação continuada”*. Essa fala afetou meu olhar, especialmente porque transito no chão da formação e me pergunto qual é o papel do professor consultor na formação. Qual é a realidade tratada nos momentos da formação, em especial no que se refere à EJA?

Percebo na fala da profissional que acompanho, a minha necessidade de rever os passos da formação, de compreender melhor esse chão inaugural (EJA), no qual piso ainda cambaleante. Penso no papel que desempenho diante de Karla e na “realidade” de que ela tanto fala. Lembro da poesia de Fernando Pessoa²¹ e penso no que nos forma: *“Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou/Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma...”*

Enquanto faço esses registros, olho minhas letras e palavras, grafando experiências. Contemplariam tudo o que existe nesse lugar carregado de experiências chamado Barreirão? Não sei, só sigo...

²¹ Poema Sou Eu. Fernando Pessoa.

Tema norteador: diálogo com o texto de Ana Maria Machado

Chuva. O vento sacode as janelas da sala da 5ª série e somente cinco estudantes estão presentes.

Karla entra, cumprimenta e fala do compromisso que precisamos ter com o trabalho e com as pessoas. Ressalta a importância de nos percebermos responsáveis por algo, por alguém.

Relembra a leitura de Fiapo de Trapo. Distribui o texto e a folha de atividades. Pede que leiam novamente o texto, principalmente em função de que muitos dos presentes não estavam na aula anterior.

Enquanto a turma lê o texto, Karla comenta comigo da necessidade de retomar em função de contemplar os que faltam e oportunizar que façam as atividades avaliativas.

Os estudantes relembram o texto e seguem a atividade escrita de interpretação textual.

Karla anuncia que a proposta é dialogar com o texto, ver o que ele (o texto) tem a nos dizer e quem nos diz (o narrador ou os personagens). Segue, com os estudantes, lendo as perguntas e questionando-os quanto a suas repostas, levando-os a pensar sobre o texto e a localização das informações.

A turma apresenta dificuldade de localizar o significado da palavra "espanto". Karla retoma a questão e leva-os a falar sobre os diferentes significados da palavra e a partir disso retoma o parágrafo e os questiona sobre qual seria significado que o texto apresenta.

Os elementos 'narrador e personagens' são novamente retomados, a turma não os localiza no texto. Karla retoma a conversa da aula anterior e indica no texto os elementos:

Dito Ferreira mostrava todo prosa:
- Esse chapéu é de um tal de veludo. E vejam que beleza essa camisa cor-de-rosa. (fragmento do texto Fiapo de Trapo)

Então, quem é Dito Ferreira? Foi com essa pergunta que Karla finalizou a aula e propôs a continuação após o intervalo.

Observação 5ª aula: sexta-feira (19/08/11) 20h23 - 21h02

Tema norteador: dialogando com o texto - continuação

Dialogando com o texto, assim Karla retoma as questões da atividade da aula anterior. Amplia a questão da interpretação (personagem/narrador) e retoma a leitura até que a questão fique esclarecida. Demonstra seu interesse em ampliar as informações do texto quando me diz: *"muito mais que a resposta certa da atividade, é preciso que entendam o porquê da questão deste e de outros textos. O que eles (os textos) dizem"*

A turma apresenta dificuldade de localização, mas Karla lê e re-lê, conduz até a interpretação. E cada um, no seu ritmo, avança na atividade. Muitos perguntam, levantam, apontam no texto as possíveis respostas e Karla os atende individualmente, respeitando suas dificuldades e incentivando: *"Vai lá, lê de novo, eu sei que você consegue."*

Enquanto a turma segue na proposta, o aluno 'R' provoca, chama a atenção com barulho, ora da carteira, ora esfregando papel de bala. Ele desafia dizendo que está cansado e que há muita leitura. Karla sustenta sua posição e mais uma vez convence-o a fazer a proposta: *"Ei, sei que você pode fazer isso [a atividade] vai lá..."*

Olho a folha de 'R' e ele capricha na letra, sua postura na carteira modifica-se e apressa-se nas questões.

Karla retoma o que é conto em prosa poética e pontua sobre o efeito sonoro das palavras. Pergunta, então, o que acontece com as duas palavras Fiapo e Trapo. Demora-se nas sílabas e espera a resposta da turma:

— "Rima?!"- responde a aluna 'D'

— "Yes!"- responde Karla empolgada com a velocidade da resposta.

Fala das possibilidades de um texto: "[...] em uma produção pode-se encontrar rima, prosa, ou os dois. O importante é dialogar com o que se lê". Pergunta o que é a expressão FIAPO DE TRAPO, a turma responde oralmente, Karla retorna ao texto e pergunta se o espantalho, depois que desapareceu, não vive em outros lugares.

E o sinal bate, encerrando a aula.

Sigo para a saída da instituição, levando alguns 'fiapos' bordando minhas impressões. Penso no que aconteceu no intervalo, no qual Karla fica comigo na sala e disponibiliza seu tempo de intervalo para mim. Oferece suas ideias, amplia as minhas, pensamos no espaço da sala, abre possibilidades. Fala das questões cidadania, identidade, apresentadas no livro didático. Flexibiliza seu planejamento para incluir o meu estágio. Pura parceria!

Curiosa, ela pergunta se terá acesso aos meus registros. Respondo que os registros não são somente meus, também pertencem a ela, afinal é sobre a prática cotidiana dela, que eu escrevo.

Ela sorri.

Volto a pensar no papel que desempenho ao escrever sobre a prática do outro, na responsabilidade e no comprometimento dessa ação. Penso na relação de parceria e de trocas que tenho experienciado.

Tema norteador: apresentação do livro didático/questões de identidade

Chego mais cedo e sigo para a sala dos professores. O relógio espreme o tempo e aos poucos os professores chegam com seus materiais e conversam sobre a quantidade de avaliações da EJA, dessa impossibilidade visto o curto período letivo para realizar as avaliações. Mais um momento de contradição da realidade da educação: quantidade de avaliações e hora/atividade²², visto que o município parece não reconhecer a importância dessas horas para o profissional da educação. Debate e embate: conversam sobre a presença (não-presença) do sindicato nessas questões referentes à categoria de profissionais.

O sinal toca, anuncia o início das aulas.

Caminho em direção à sala da 5^a série, alguns estudantes me cumprimentam timidamente. Encontro Karla já na sala, conversa comigo sobre o livro didático, preocupada se eu tive acesso ao material. Confirmo que tenho o material e ela me convida para depois analisarmos possibilidades de usar algumas indicações para o período da minha docência.

Inicia a aula falando do livro didático e apresenta o tema identidade. Enquanto os estudantes abrem seus livros, Karla rapidamente faz a chamada e olha para mim em cumplicidade: somente cinco estudantes na sala.

Questiona a turma sobre o que é identidade, onde estão as identidades. *"E nos textos que a gente conhece, aparece alguma identidade? E nas músicas?"*

Karla apresenta a música "Caçador de mim", indicada no LD:

²² Ver Lei Ordinária nº 2.761/95 disponível em: <http://www.cmsj.sc.gov.br>

Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram
fim
Vou me encontrar

Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer senão o
correr da luta
Nada a fazer senão
esquecer o medo
Abrir o peito a
força, numa procura
Fugir às armadilhas
da mata escura
Longe se vai
Sonhando demais

Mas onde se chega
assim
Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Caçador de mim.
Composição: Luís
Carlos Sá e Sérgio
Magrão

Brinca de cantar, sorri, a turma ri e ela diz que o estudado será a linguagem poética do trecho apresentado. Explora o poema, e faz relações com estrofe e parágrafo. Exemplifica, no quadro, como se apresenta um poema e mostra com traços o caminho das palavras, a não linearidade da leitura, diferentemente do que acontece na prosa.

Apresenta no quadro as relações:

<u>PROSA:</u>	<u>POEMA/MÚSICA:</u>
⇒ Linha	⇒ Verso
⇒ Parágrafo	⇒ Estrofe

Explora o verso e sua localização gráfica no papel. 'L' pede para explicar mais sobre parágrafo e estrofe. Karla retoma o poema/música que o LD apresenta e pontua a forma gráfica onde, nesse caso, aparece a estrofe:

— "Vejam, cada conjunto é uma estrofe."

A partir dos questionamentos dos estudantes, explica e exemplifica no quadro as diferenças elementares entre prosa e poema. Sugere que copiem nos cadernos o quadro, abaixo transcrito:

<u>POEMA</u>	<u>PROSA</u>
<p>⇒ No poema temos versos, estes correspondem a cada linha existente no poema.</p> <p>⇒ No poema a cada conjunto de versos, chamamos estrofe.</p>	<p>⇒ No texto em prosa temos as linhas que são chamadas linhas mesmo.</p> <p>⇒ No texto em prosa estes conjuntos de linhas são delimitados pelo que chamamos de parágrafo.</p>

Karla preocupa-se que visualizem as diferenças entre prosa e poema. Explica sobre a quantidade de sílabas e estrofes e localiza, na página 14 do LD²³, um texto em prosa para exemplificar “graficamente” as diferenças. E de como a autora utiliza as palavras para falar o que pretende.

Na comparação entre os textos em verso e prosa, Karla revela sua preocupação em ampliar as habilidades de leitura de um texto em verso. Exploram as possibilidades de desautomatizar a leitura, vivenciando que no poema “a leitura passa a ser feita não linha após linha, sempre para frente, como na prosa, e sim num ir e vir entre o que está adiante e o que ficou atrás. Desautomatiza-se a leitura [...]”. (PAES, 1996, p.30)²⁴.

Fim da sexta aula.

Sigo para a sala dos professores, tenho um intervalo de uma aula. Analiso o material do LD e fico a pensar em textos e situações de aprendizagem para essa turma de 5ª série da EJA.

Retomo o que Karla afirma no seu planejamento:

²³ Ver em anexo 2. O fragmento foi retirado de: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 1998.

²⁴ PAES, José Paulo. **Poesia para crianças**: um depoimento. São Paulo: Giordano, 1996.

Fazer com que o aluno não construa sua identidade, mas perceba esta e seja capaz de formular e reformular valores e conceitos em uma constante transformação em busca de um crescimento intelectual e pessoal através de questionamentos, leituras, interpretações de textos, debates, contando ainda com a interdisciplinaridade. (KARLA, 2011)²⁵

Perceber a identidade, conhecer esse lugar de vivências, interdisciplinaridade. Indicativos para um estágio de docência...

Observação 7^a aula: terça-feira (23/08/11) 20h23 – 21h02

Tema norteador: relação prosa e verso / comparando elementos

O retorno do intervalo trouxe mais número na turma: estamos com sete estudantes. E Karla retoma a aula, continuando a apresentação do LD.

Pergunta o que significa autobiografia e biografia, a turma silencia. Explica que as pessoas quando escrevem sobre a história da vida de alguém ou delas mesmas estão fazendo biografia e autobiografia, respectivamente.

Karla localiza no LD biografias e autobiografias, fala da importância da história da vida da gente e anuncia que a produção final será uma autobiografia, e que existirão elementos para a construção desse tipo de texto.

Retoma a página 06, do LD: capítulo "Um olhar para dentro de mim", no qual lê a poesia destacada de Manoel de Barros:

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria [...]. Poesia não é pensamento. É música. Você sabe ler? Claro, eu sei que você sabe ler... Mas não é isso que estou perguntando. Estou perguntando se, ao ler, suas palavras fazem música. E seus poemas? (Manoel de Barros)

²⁵ Trecho disponível no planejamento da professora KARLA PAMIGIANI PEREIRA regente da turma de 5^a série/EJA, a qual acompanho não somente a sua prática cotidiana, mas também seus escritos.

Após a leitura, Karla pergunta sobre nossas histórias de vida, o quanto tem de música nelas, ou não. Fala da construção da nossa imagem, do quanto se constrói durante a vida, conhecendo outras pessoas.

Penso no quanto esse momento tem sido importante para a minha formação, para refinar meu olhar, pois "Toda pessoa sempre é as marcas/Das lições diárias de outras tantas pessoas" (Gonzaguinha)²⁶

Karla pergunta sobre escrever poemas: "*Quem aqui da sala escreve poema?*" O silêncio, alguns se olhavam. A aluna 'M' disse que isso só quando era 'mais nova', agora não tem mais idade para ficar escrevendo.

Karla questiona se para escrever tem que ter uma idade específica, se isso não é um tipo de preconceito? E diz: "*Será que nossas atitudes não têm música e poema? Isso é para pensarmos...*" Pede que sigam para a página 06 do LD, com a leitura do texto: "O dia que acabou a luz"²⁷, e pergunta sobre quem já ficou sem luz em casa no período noturno. Alguns comentam sobre a falta que sentiriam da novela...

A leitura é iniciada por Karla e já no primeiro parágrafo o aluno 'F' ergue a mão e pede para continuar a leitura. Karla olha surpresa, sorri acolhendo o pedido e o deixa seguir na leitura. Impressiona-me a coragem do menino, sua atitude em ler em público.

'F' segue a leitura, com voz um pouco tremida, tropeça em algumas palavras, mas continua. A mãe 'D' corrige os pequenos erros, mas ele sorri e segue. Olho para Karla e encontro seu olhar de cumplicidade e respeito diante da leitura de 'F'.

Terminada a leitura Karla agradece a participação. 'F' sorri satisfeito, vira para trás e olha para a mãe sorrindo. Penso na importância desse momento, no quanto ele se sentiu

²⁶ Música Caminhos do Coração.

²⁷ Ver o texto no anexo 3.

confiante em ler e na significação desse momento para o processo de aprendizagem. A valorização de Karla e a cumplicidade do olhar foram essenciais não somente para 'F', mas também para toda a turma.

Karla retoma a situação do texto (um dia sem luz e aproximação da família) fala de si mesma, suas memórias de infância e adolescência, utilizando-se de uma bela estratégia para que os estudantes falem deles. 'F' fica atento às referências contadas por Karla e quando ela convida para falarem de suas vivências em casa, 'F' é o primeiro a falar sobre seu pai e as dinâmicas familiares de sua casa. Novamente Karla acolhe, sorri e o deixa contar.

Percebo na estratégia de Karla a intenção de desenvolver a habilidade de escutar ao outro em seus diferentes tipos de interlocuções e nesse sentido,

A atividade receptiva de quem escuta o discurso do outro é uma atividade de participação, de cooperação em vista da própria natureza interativa da linguagem. Não há interação se não há ouvinte. Nas atividades em sala de aula, o professor bem que poderia desenvolver nos alunos a competência para saber ouvir o outro, escutar, com atenção, o que ele tem a dizer [...]. (ANTUNES, 2003, p.105)²⁸

O sinal indica o fim dessa aula, mas a conversa continua...

²⁸ ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo (SP): Parábola, 2003.

Observação 8^a aula: terça-feira (23/08/11) 21h02 - 21h40

Tema norteador: habilidade de oralidade e leitura de texto/elementos prosa e verso

'F' toma a fala novamente e conta sobre o cotidiano da mãe e da casa. A mãe 'D' sentada atrás dele confirma a "*correria e o cansaço antes de vir pra aula*".

E falando sobre a rotina da cidade, 'L' fala da infância no sítio e da diferente vida de hoje na cidade, morando com a filha casada. 'M' fala que a filha de quatro anos pede que a mãe leia histórias a toda a hora, e queixa-se do pouco tempo que dispõe para a menina. 'D' lembra das bonecas de milho e da vida no sítio.

Falam dos tempos escolares, de como eram as brincadeiras da escola: somente nas aulas de educação física. E Karla aproveita para lembrar as músicas cantadas naqueles tempos e do conceito musical da atualidade. Surgindo, com isso, o tema comportamento das "meninas de hoje", e a banalidade dos namoros.

Observo a conversa e percebo o olhar dos estudantes mais novos, não concordam muito com a conversa. Mas é "L", uma das mais velhas na turma, que faz o comentário mais surpreendente: "*Vocês estão enganadas, na modernidade não é mais assim.*" Impressionou-me a postura contemporânea de 'L', em relação às outras alunas.

Karla, percebendo que alguns não participavam da conversa, chama-os para participarem e eles contribuem com suas 'jovens' realidades de casa e dos amigos.

A discussão, induzida por Karla, foca memórias, noção de família, atitudes que remetem a quem se é e como se vive. Assim, ela permite que ampliem suas reverberações culturais, pois somos "[...] seres narrados e seres narrantes, com todas

as implicações favoráveis disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo". (GIRARDELLO, 2007, p.42) ²⁹.

Karla explora a oralidade dos estudantes, remete a elementos que podem ser importantes na produção de uma autobiografia e cria momentos de construção de escuta ao outro, às histórias pessoais, vivências e diferentes pontos de vista.

Assim, o sinal invade a aula e a turma se despede.

Observação 9^a aula: sexta-feira (26/08/11) 19h29 - 20h08

Tema norteador: reescritura de texto/recuperação paralela do texto

É sexta-feira, o movimento na pequena travessa em frente ao colégio é visivelmente menos intenso do que nos dias anteriores. Vejo o portão de ferro na espreita, quase solitário, aguardando os estudantes para mais uma noite de aula na instituição.

Atravesso-o sem pressa, ainda tenho tempo. Circulo pelo pátio e percebo que as atividades do mural (turma do fundamental matutino) foram retiradas. Eram pequenas produções sobre o folclore. Pergunto-me o destino delas, teriam voltado para seus autores? E no que se refere à exposição de trabalhos, será que foi perguntado se essas produções poderiam ser expostas? Tanto se fala de autonomia e de sujeitos de direitos, mas será que muitas vezes isso não é esquecido?

Subo pela rampa e encontro com Karla. Conversamos sobre a minha docência, indica-me algumas letras de música que falam de identidade, lugares e pessoas. Reitera sua disponibilidade de pensarmos o meu planejamento e sugere alguns textos para analisarmos.

²⁹ GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celdon e SILVA, Gladir da. **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papyrus, 2007, p.39-57.

Chegamos à sala, sinto falta de 'F' e 'D' (mãe e filho). Karla diz que, por motivos religiosos, eles ausentam-se nas sextas-feiras. Fala-me da preocupação em recuperar com eles os assuntos tratados, pois perdem duas aulas da disciplina por semana.

A aula inicia com a proposta de reescrita da produção textual feita na aula do dia 16/08/11. Karla distribui os textos corrigidos e pede que leiam as correções feitas. Enquanto é feita essa leitura, conversa com os estudantes que não estavam presentes no referido dia, explica os elementos da narração, a estrutura de um texto narrativo e propõe que façam a produção do texto.

Procura fazer um atendimento individualizado: lê com cada um suas produções, explica as correções e o que precisa ser feito para ajustar a coerência dos textos e incentiva-os a colocarem suas idéias com mais detalhes, lembra que a produção é uma história que precisa ser contada com detalhes. Assim, nesse encaminhamento, percebo que

Ao se propor a produção de textos como devolução da palavra ao sujeito, aposta-se no diálogo (que não exclui a polêmica e a luta pelos sentidos) e na possibilidade de recuperar na "história contida e não contada" elementos indicativos do novo que se imiscui nas diferentes formas de retomar o vivido, de inventar o cotidiano. (GERALDI, 1997, p.20)³⁰

Nesse ir e vir, os estudantes escrevem e 'L' fala da dificuldade que tem de "*colocar tudo no papel, falar é mais fácil*". Penso no que diz sobre "falar é mais fácil" e acredito que talvez ela tenha razão, afinal a escrita não é um processo natural, é uma atividade complexa que exige mecanismos de produção.

³⁰ GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: J. Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli (coords. vol.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1997, p. 17-24.

Karla indica os pontos que 'L' precisa acrescentar no texto, fala do quanto ela já melhorou e de que para escrever é preciso reescrever várias vezes e escolher as palavras até que a história fique completa. 'L' vai e volta várias vezes, demonstra sua dificuldade, mas também sua persistência. A cada pequeno avanço as duas (Karla e 'L') sorriem e escrevem.

"W" faz o texto na sala, reclama da dificuldade e Karla diz: *"Vamos lá, quero ver tuas idéias nessa história, sei que são boas e que você consegue"*. 'W' sorri timidamente e volta a escrever. Percebo sua empolgação, apaga várias vezes, mas continua escrevendo.

A proposta de reescrever o texto implica que os estudantes observem as indicações de possíveis melhorias e dialoguem com o que escrevem, com suas produções anteriores e com suas leituras. Assim, a proposta de Karla está pautada em

Conceber o texto como unidade de ensino/aprendizagem é entendê-lo como um lugar de entrada para este diálogo com outros textos, que remetem a textos passados e que farão surgir textos futuros. Conceber o aluno como produtor de textos é concebê-lo como participante ativo deste diálogo contínuo: com textos e com leitores. (GERALDI, 1997, p. 22)³¹

Nesse processo de avanços e retrocessos, escrita e reescrita, o sinal avisa a hora o recreio, ou melhor, hora do intervalo. Acredito, pelo que ouvi dos estudantes, que recreio não se usa mais, isso era de outro tempo (o meu)...

Sigo com Karla para a sala dos professores, conversamos sobre o planejamento dela em especial sobre identidades e no quanto acredita que os estudantes revelam-se através das produções textuais.

Mais uma vez o relógio convida-nos para a sala de aula, o intervalo acabou.

³¹ Idem.

Observação 10^a aula: sexta-feira (26/08/11) 20h23 - 21h02

Tema norteador: reescritura de texto/atendimento do texto produzido na recuperação paralela

Os estudantes seguem em processo de reescrever, seguindo as orientações de Karla.

Olho em minha volta, e enfim consigo sentir aquele lugar. Percebo a importância dos desafios daquele momento em que os estudantes defrontam-se com suas produções, autores de suas palavras. Lembro de Drummond: "Entre coisas e palavras - principalmente palavras - circulamos" e entendo que eu também sigo entre palavras e registros.

Enquanto escrevo, Karla continua lendo e incentivando os estudantes em suas possibilidades de escrita.

O atendimento é individualizado aos estudantes que já tinham o texto e aos que estão produzindo naquele momento. Alguns terminam a escrita e Karla corrige, indicando melhorias e pedindo a reescrita.

Nesse encaminhamento de reescrita e reflexões sobre a língua na/pela interação,

[...] mobilizam-se o fazer do professor e o do aluno no cotidiano da escola, mediados pela linguagem. Tais fazeres, por seu turno, evidenciam o tipo do olhar que cada um desses sujeitos põem sobre o texto e, na troca desses olhares, como professor e aluno se vêem. (JESUS, 2000, p.115-116)³²

Nessa troca de olhares 'L' segue reescrevendo, esforça-se para "*colocar as idéias dentro do parágrafo*". Karla orienta e a cada avanço 'L' sorri satisfeita com suas tentativas. Penso que a escrita é feita de escolhas, erros e acertos; e as

³² JESUS, Conceição A de, Reescrevendo o texto: a higienização da escrita, In: J. Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli (coords. vol.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 3^a ed., São Paulo: Cortez, 2000, v.1, p.99-117.

tentativas de 'L' representam muito, visto do tempo em que estive fora da escola.

Reflico sobre o que representa avanços e retrocessos.

O sinal toca, avisando do fim da aula.

Despeço-me da turma e agradeço a eles a minha permanência naquele lugar. Perguntam quando eu volto e 'L' rapidamente diz que quando eu voltar é para "*dar aula pra gente*".

Sorrio e sigo para a saída.

Finalizo minha observação com muito a pensar...

1.4 O QUE DIZER SOBRE AS HORAS EM OBSERVAÇÃO

*Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar.
(THIAGO DE MELLO)*

O que dizer das horas observadas no lugar da 5ª série/EJA? Revelaram espaços/lugares, relações, contradições da educação brasileira e desafios. Proporcionaram-me um exercício de aprendizado, afinal escrever sobre a prática do outro é uma ação de compromisso que exige

Olhar que envolve **atenção e presença**. Atenção que envolve sintonia consigo mesmo e com o grupo. Concentração do olhar que inclui escuta de silêncios e ruídos na comunicação. O ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar. (WEFFORT, 1996, p. 27). ³³(grifos meus)

Deste modo, o período de observação, almejou apreender a realidade da educação brasileira e as relações construídas entre professor e aluno. Por conseguinte, propiciaram uma reflexão sobre os contornos do movimento teoria/prática, e acerca da formação continuada e, em especial, uma busca por conhecer o lugar da EJA.

Iniciei o período de observação com a intenção de conhecer o lugar dessa vivência educativa e não somente observar o espaço da instituição. Nesse sentido, compreendo que o espaço é algo projetado e o lugar algo que se constrói na/pela interação, ou seja, o lugar "Constrói-se 'a partir do fluir da vida' e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto,

³³ WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro e Reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996

está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído". (FRAGO, 1998, p.61)³⁴

Conseqüentemente, a partir do vivido e observado na 5ª série/ EJA, reuni subsídios para elaborar a docência do Estágio Supervisionado. Diante desses elementos, a proposta de ensino de Língua tematiza identidade e lugares e intenciona fazer com que os estudantes dessa turma percebam qual é o espaço que ocupam na instituição e na cidade. Para tanto, o planejamento contempla uma abordagem que possibilite localizarem e reconhecerem suas identidades como sujeitos de direitos nesses espaços. E na medida em que se descobrem nesse espaço, questionar como transformá-lo em lugar de convivência e de marcas pessoais.

Assim sendo, fica o registro de algumas horas, de experiências e de trocas em um lugar chamado 5ª série /EJA. E a certeza de que ainda há muito para refletir acerca do cotidiano da prática docente de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

³⁴ FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

2. PROJETO DOCÊNCIA: olhares norteadores

O olhar sensível é o olhar curioso, descobridor, olhar de quem olha querendo ver alguém. Ver cores, luzes, formas, matérias, detalhes, diferenças. Olhar sensivelmente requer o exercício do olhar aberto a perceber, esmiuçar, desvendar, buscar o belo (DIAS, 1999, p. 178) ³⁵.

Reconsiderar a prática educativa, a partir do vivido e observado na 5ª série/EJA, possibilitou a reunião de elementos para elaborar o planejamento pedagógico. Compreendendo, assim, a educação como um lugar de práticas cotidianas e de diferentes tempos e sujeitos.

O período trilhado na observação contribuiu para identificar aspectos que pudessem evidenciar elementos para um projeto de docência de ensino da língua que evidenciasse o reconhecimento da instituição como um lugar de possibilidades educativas e de vivência. Destarte, o projeto foi desenvolvido em dez horas-aula de Língua Portuguesa, considerando que a 5ª série/EJA é um lugar de pertencimento, de percepção das identidades, de apropriação, de registro e de convivências.

³⁵ DIAS, Karina Sperle. Formação Estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sônia. **Infância e Educação Infantil**. Campinas - SP: Papyrus, 1999.

2.1. PLANEJAMENTO DA DOCÊNCIA: LUGAR E ESPAÇO

Pensando nesse lugar, 5ª série/EJA, e nas pessoas que o frequentam, apresento o projeto de docência: "LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares". O referido projeto orientou-se pelo questionamento: "qual é o lugar que os estudantes da 5ª série/EJA ocupam na instituição e na cidade?"

As expectativas quanto à língua portuguesa no que se refere ao desenvolvimento das dez aulas³⁶ foram:

- Em relação à leitura: ler, com autonomia, poemas, letras de música e textos de outros gêneros literários. Utilizar alguns comportamentos de leitura, tais como: localizar informações, identificar as principais idéias e grifar o texto.
- Em relação à escrita: produzir texto do gênero memórias literárias. Escrever com atenção, considerando os aspectos discursivos e lingüísticos relativos ao gênero, as convenções da escrita relacionadas às regularidades ortográficas do sistema lingüístico e gráficas do texto.
- Em relação à comunicação oral: participar de situações de intercâmbio oral, emitindo comentários pertinentes aos temas tratados.
- Em relação a questões da cultura local: conhecer a cidade e o lugar ocupado pelos estudantes EJA na cidade de São José.

³⁶ Horário das aulas:

3ª feira:

18h50 às 19h29
21h02 às 21h41
21h41 às 22h20

6ª feira:

19h29 às 20h08
20h23 às 21h02

Nesse sentido, uma vez indicados os objetivos e conteúdos para as 10 aulas de português, antes de indicar a metodologia para se alcançar estes objetivos de ensinar/aprender, cabe fundamentar a compreensão e a opção por esta visão de aula de língua portuguesa.

Destarte, ancorando-me nas leituras e discussões realizadas durante o curso, em especial nas disciplinas específicas da licenciatura³⁷, apresento um projeto cuja perspectiva compreende a linguagem como forma de interação. Conseqüentemente, o entendimento dessa concepção como lugar de interação pauta-se na

[...] linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e ou comportamentos. (KOCH, 1992, p.09) ³⁸

O planejamento de docência dialogou, também, com as orientações sugeridas na Proposta Curricular de Santa Catarina, na qual se lê que, para Bakhtin:

³⁷ Destaco a contribuição acerca da prática pedagógica e do cotidiano educativo que recebi ao cursar as disciplinas de licenciatura:

- Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura (MEN 7000), ministrada pela professora Dra. **Maria Izabel de Bortoli Hentz**.
- Psicolinguística (LLV7011), Linguística aplicada: ensino de língua materna (LLV7014) e Teoria da Enunciação (LLV 7008), ministradas pela professora Dra. **Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti**.
- Organização escolar (EED5187) ministrada pela professora Dra. **Maria Aparecida Lapa de Aguiar**.

³⁸ KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

A relação de cada ser humano com seu "outro", em linguagem, é constitutiva: cada ser é complemento necessário do outro, e assim a própria unidade da linguagem é uma consequência dessa complementaridade. Não há, pois, voz solitária e única, homogênea - há intersubjetividade (SANTA CATARINA, 1998, p.60) ³⁹.

Considerando que a linguagem acontece na/pela interação dos sujeitos, as aulas planejadas para a turma 5ª série/EJA, intencionaram ampliar a capacidade de interagir com o outro, refletir sobre si e sobre a própria linguagem como instrumento de soberania social.

Acredito que, no decorrer do processo de leitura, escrita e oralidade das aulas, foi possível a compreensão de que,

Com a linguagem não só representamos o real e produzimos sentidos, mas representamos a própria linguagem, o que permite compreender que não se domina uma língua pela incorporação de um conjunto de itens lexicais (o vocabulário); pela aprendizagem de um conjunto de regras de estruturação de enunciados (gramática); [mas] pela apreensão de um conjunto de máximas ou princípios de como participar de uma conversação ou de como construir um texto bem montado sobre determinado tema, identificados seus interlocutores possíveis e estabelecidos os objetivos visados, [com vistas à compreensão]. (GERALDI, 1997, p. 17) ⁴⁰

Nesse sentido, a organização das aulas, as discussões e situações de aprendizagem referenciaram a linguagem como elemento indispensável da interação humana, permitindo "pensar uma prática pedagógica que oportunize ao aluno o uso da leitura e da escrita como um ato de interação com o mundo que nos rodeia. (LAFFIN, 1997, p.01 *apud* SANTA CATARINA, 1998, p. 42) ⁴¹

³⁹ SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** educação infantil, ensino fundamental e médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

⁴⁰ GERALDI, João Vanderley. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁴¹ LAFFIN, Maria Hermínia L Fernandes. Linguagem escrita: leitura, produção e reestruturação. Joinville: (mimeo), 1997. *Apud* SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** educação infantil, ensino fundamental e médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

Deste modo, o planejamento contemplou uma abordagem com fotografias, produções textuais, leituras de textos de gêneros diversos e uma visita ao Museu Histórico de São José⁴², para localizarem e reconhecerem suas identidades como sujeitos de direitos nesses espaços e dessa forma transformarem o espaço em lugar de convivência e de marcas pessoais.

⁴² Museu Histórico Municipal de São José, localizado na Rua Gaspar Neves, 3175, Centro Histórico de São José/SC.

2.2. QUADRO SÍNTESE E PLANOS DE AULA

Apresento um quadro síntese dos temas norteadores do planejamento:

	AULAS	TEMA NORTEADOR
04/10 Terça-feira	3 AULAS 18h50 às 19h29 21h02 às 21h41 21h41 às 22h20	⇒ Lugar e espaço: reconhecimento de identidades.
07/10 Sexta-feira	2 AULAS 19h29 às 20h08 20h23 às 21h02	⇒ Identidades e lugares.
11/10 Terça-feira	3 AULAS 18h50 às 19h29 21h02 às 21h41 21h41 às 22h20	⇒ Identidades, lugares e espaços da cidade.
14/10 Sexta-feira	2 AULAS 19h29 às 20h08 20h23 às 21h02	⇒ Memórias literárias: a construção de lugares e espaços.

Na sequência, seguem os planos de aula que orientaram o período de docência na 5ª série/EJA.

PLANO DE AULA 1

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA)

Professora regente: Karla Parmigiani Pereira

Estagiária: Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 5^a série/EJA

Data da atividade: 04/10/11 - terça-feira

Tempo de aula: 3 horas-aula, com 40 minutos

Horário:

18h50 às 19h29 | 21h02 às 21h41 | 21h41 às 22h20

TEMA:

Lugar e espaço: reconhecimento de identidades.

OBJETIVO GERAL:

Através das três primeiras aulas, busca-se apresentar o projeto de docência aos estudantes: "LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares". E propiciar uma contextualização dos espaços da instituição e da cidade, ampliando os aspectos culturais, históricos e literários relevantes a questão lugar e espaço.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Ampliar a discussão sobre o reconhecimento das próprias identidades.
- Aprimorar a proficiência em leitura de textos do gênero memórias literárias.
- Desenvolver o caráter interacional da oralidade e sua realização em diferentes gêneros textuais.
- Constituir relações entre textos em prosa e verso.

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Leitura: aprimoramento de estratégias de compreensão e fluência na leitura de letras de música, cujo tema é lugar.
- Escrita: aperfeiçoar a produção textual no que se refere à paragrafação e sequência lógica de idéias.

- Oralidade: Ampliação de situações de oralidade, através de discussão sobre identidades e lugares da instituição educativa.

METODOLOGIA:

- 1°. Apresentar o projeto de docência aos estudantes: "LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares".
- 2°. Retomar a discussão realizada pela professora regente Karla sobre de onde viemos, família, lugar... O que conhecemos de verdade?
- 3°. Iniciar a discussão sobre as identidades da sala, com os questionamentos:
 - "Somente o documento revela o que/quem somos?"
 - "Nossas histórias são contadas?"
- 4°. Diante da conversa, fazer relação com o "museu virtual da pessoa" (<http://www.museudapessoa.net/oquee/>) e argumentar sobre o quanto nossas histórias também são importantes na construção da comunidade, da instituição escolar e do país.
- 5°. Distribuir, através de um pequeno baú, a frase: *Cada pessoa traz uma fotografia de sua cidade na memória* (filme: Paisagem urbana) e conversar a respeito do que conhecemos (ou não) na cidade em que moramos.
- 6°. Apresentar o documentário "Paisagem Urbana - Um Olhar Sobre a Ilha", realizado pelo cineasta catarinense Pedro MC. (16min).
Disponível no link:
<http://www.curtadoc.tv/curta/index.php?id=280>
- 7°. Apresentar (ler e ouvir) a música: "Do lado de cá". (ver anexo). Disponível no link:
<http://letras.terra.com.br/chimarruts/1690280/>
- 8°. Ampliar a discussão sobre a que lugar pode se referir da letra da música, e sobre qual pode ser o lugar na nossa interpretação (casa, escola, rua, bairro, país).
- 9°. Convidar para analisarem a instalação (fundo da sala, contendo imagens, poemas e trechos da música apresentada anteriormente). Perguntar sobre o que é uma instalação, das diferenças entre mural ou painel, da possibilidade da arte ser interativa, das diferentes interpretações.

- 10°. Iniciar a visita aos espaços da escola que estão representados nas imagens. Descobri-los em seus detalhes, no cotidiano da instituição.
- 11°. Voltar para a sala e iniciar a dinâmica 'o que há no baú'. Consiste em rodar entre os estudantes um pequeno baú (vazio) que, ao abrirem, precisam dizer três coisas que têm na instituição educativa. Enquanto falam, escrever no quadro as palavras que surgirem.
- 12°. Iniciar uma conversa sobre como foi descobrir o lugar que convivem diariamente, quais dificuldades, quais impressões.
- 13°. Solicitar a produção de um texto, em primeira pessoa, sobre o que cada um tem a dizer sobre o lugar que ocupa (a escola ou na escola). Indicar as palavras no quadro resultantes da dinâmica do baú, feita anteriormente. **(TEXTO 1: O LUGAR QUE EU OCUPO) – ver anexo das produções.**
- 14°. Após o término da produção, recolher as produções para posterior correção.
- 15°. Combinar com a turma sobre a permanência da instalação na sala para que os alunos faltantes possam também participar da situação de aprendizagem proposta.
- 16°. Finalizar com a leitura do poema O MENINO QUE GANHOU UM RIO. (BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a terceira infância. São Paulo (SP): Planeta, 2007).
- 17°. Distribuir, para leitura fruição, trechos do livro: POR PARTE DE PAI. (QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Por parte de pai**. Belo Horizonte: RHJ, 1995)

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Instalação, preparada anteriormente, disponível no fundo da sala.
- Reserva da sala multimídia, para apresentação do documentário.
- Caixas de som para netbook.
- Cópias dos poemas e da letra da música.
- Cópias da frase: *Cada pessoa traz uma fotografia de sua cidade na memória.*

AVALIAÇÃO:

Acompanhar a participação dos estudantes durante a aula e analisar o interesse pelas situações de aprendizagem. Considerar os aspectos relacionados à interpretação, produção escrita e oralidade da turma.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a terceira infância.** São Paulo (SP): Planeta, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Por parte de pai.** Belo Horizonte: RHJ, 1995

<http://letras.terra.com.br/chimarruts/1690280/>

<http://www.curtadoc.tv/curta/index.php?id=280>

<http://www.museudapessoa.net/oquee/>

DO LADO DE CÁ

MÚSICA: Do lado de cá
Composição: Fabrício de Gambogi / Giselle De Santi

Se a vida às vezes dá uns dias de segundos cinzas
E o tempo tic-taca devagar
Põe o teu melhor vestido,
Brilha teu sorriso
Vem pra cá,
Vem pra cá

Se a vida muitas vezes só chuveira,
só garoa
E tudo não parece funcionar
Deixa esse problema à toa
Pra ficar na boa
Vem pra cá

Do lado de cá,
A vista é bonita,
A maré é boa de provar
Do lado de cá,
Eu vivo tranqüila
E o meu corpo dança sem parar
Do lado de cá,
Tem música, amigos
E alguém pra amar
Do lado de cá

Se a vida às vezes dá uns dias de segundos cinzas
E o tempo tic-taca devagar
Põe o teu melhor vestido,
Brilha teu sorriso

Vem pra cá,
Vem pra cá
Se a vida muitas vezes só chuveira,
só garoa

E tudo não parece funcionar
Deixa esse problema à toa
Pra ficar na boa
Vem pra cá

Do lado de cá,
A vista é bonita,
A maré é boa de provar
Do lado de cá,
Eu vivo tranqüila
E o meu corpo dança sem parar
Do lado de cá,
Tem música, amigos

E alguém pra amar
Do lado de cá

A vida é agora
Vê se não demora
Pra recomeçar
É só ter vontade
De felicidade
Pra pular

Do lado de cá,
A vista é bonita,
A maré é boa de provar
Do lado de cá,
Eu vivo tranqüila
E o meu corpo dança sem parar

Do lado de cá,
Tem música, amigos
E alguém pra amar
Do lado de cá

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a terceira infância**. São Paulo:Planeta,2007.

O MENINO QUE GANHOU UM RIO

Minha mãe me deu um rio.
Era o dia de meu aniversário e ela não sabia
o que me presentear.
Fazia tempo que os mascates não passavam
naquele lugar esquecido.
Se o mascate passasse a minha mãe compraria
rapadura.
Ou bolachinhas para me dar.
Mas como não passara o mascate, minha mãe me
deu um rio.
Era o mesmo rio que passava atrás da casa.
Eu estimei o presente mais do que fosse uma
rapadura do mascate.
Meu irmão ficou magoado porque ele gostava
do rio igual aos outros.
A mãe prometeu que no aniversário do meu
irmão.
Ela daria uma árvore para ele.
Uma que fosse coberta de pássaros.
Eu bem ouvi a promessa que a mãe fizera ao
meu irmão
E achei legal.
Os pássaros ficavam durante o dia nas margens
do meu rio
e de noite eles iam dormir na árvore do
meu irmão.
Meu irmão me provocava assim: a minha árvore
deu flores lindas em setembro.
E o seu rio não dá flores!
Eu respondia que a árvore dele não dava
piraputanga.
Era verdade, mas o que nos unia demais eram
os banhos nus no rio entre pássaros.
Nesse ponto nossa vida era um afago!

AUTOR: Manoel de Barros
LIVRO: Memórias inventadas: a terceira infância

Piraputanga: peixe encontrado na cidade de Bonito em Mato Grosso do Sul.

POR PARTE DE PAI

Em casa de mau pai, todas as noites, eu resmungava pedindo água. Era uma sede com hora marcada, minha mãe já não se movia muito, entre dores, passava as noites em claro, controlando gemidos. Meu pai se levantava e ia até minha cama. Fechava a mão em forma de copo, levantava a minha cabeça com a outra, e fazia gute, gute. Eu bebia sua mentira e dormia feliz. Não, meu pai não economizava água. Ele era mão-aberta e nunca chegava, agora em raras viagens, sem pequenos presentes. Ele os esquecia sobre a mesa e ficava distraído, esperando elogios.

Engraçado, na casa do meu avô eu não sentia sede, nem de madrugada, quando os galos me acordavam junto com a manhã e eu ficava esperando o cheiro do café me tirar da cama. No meio da noite, se a tempestade rompia o silêncio do escuro, meu avô vinha até meu quarto. Abria a porta de manso, para verificar se a chuva do vento não estava entrando na janela, e benzia meus sonhos. Então, com a mão muito branda arrumava meus lençóis e deixava um recado em minha testa, uma certa benção leve como os gatos. Também meu avô era econômico nos carinhos e tímido nos gestos. Nessa hora, quando os raios esfaqueavam o resto da noite, enrolado em meus pensamentos eu me esforçava para perdoar meu avô por não amar gatos.

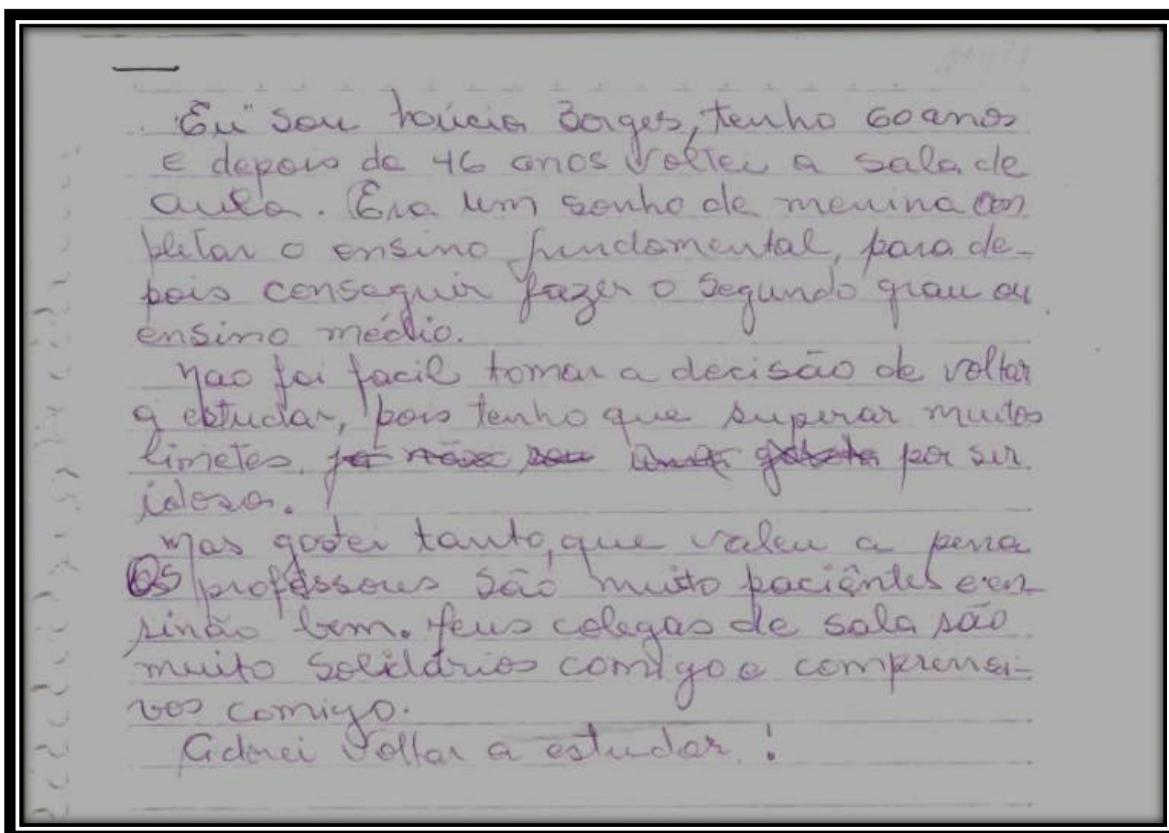
POR PARTE DE PAI

Minha cama ficava no fundo do quarto. Pelas frestas da janela soprava um vento resmungando, cochichando, esfriando meus pensamentos, anunciando fantasmas. As roupas, dependuradas em cabides na parede, se transfiguravam em monstros e sombras. Deitado, enrolado, parado imóvel, eu lia recado em cada mancha, em cada dobra, em cada sinal. O barulho do colchão de palha arranhava. O escuro apertava minha garganta, roubava meu ar. O fio da luz terminava amarrado na cabeceira do catre. O medo assim maior do que o quarto me levava a apertar a pêra de galalite e acender a luz, enfeitada com papel crepom. O claro me devolvia em seus tamanhos verdadeiros. O nariz do monstro era o cabo do guarda-chuva, o rabo do demônio o cinto do meu avô, o gigante a capa "ideal" cinza para os dias de chuva e frio. Então, procurava distrair meu pavor decifrando os escritos na parede, no canto da cama, tão perto de mim. Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim, sobrava sempre um pedaço...

Roteiro entregue aos estudantes:

<p>Roteiro: aulas de Português 5ª série/EJA</p> <p>Projeto</p> <p>LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares</p> <p>Olá! Apresento o roteiro das próximas aulas. Conto com a participação e a presença de todos você.</p> <p>Até breve, Professora Bel Gomes.</p>	<p>04/10/11 ⇒ terça-feira 3 AULAS: 18h:50 às 19h:29 21h:02 às 21h:41 21h:41 às 22h:20</p> <p>⇒ Conheceremos o projeto: "LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares".</p> <p>⇒ Veremos o documentário "Paizagem Urbana - Um Olhar Sobre a Ilha" (16min).</p> <p>⇒ Ouviremos a música: "Do lado de cá" (CHIMARRUTS).</p> <p>⇒ Conversaremos sobre o que é uma instalação?</p> <p>⇒ Visitaremos os espaços da escola.</p> <p>⇒ Produziremos um texto. (TEXTO 1: O LUGAR QUE EU OCURO)</p> <p>⇒ Teremos a leitura do poema O MENINO QUE GANHOU UM RIO. (Manoel de Barros)</p> <p>⇒ Levaremos para casa trechos do livro: POR PARTE DE PAI. (Bartolomeu Campos de Queirós)</p>	<p>07/10/11 ⇒ sexta-feira 2 AULAS: 19h:29 às 20h:08 20h:23 às 21h:02</p> <p>⇒ Conversaremos sobre os espaços da escola.</p> <p>⇒ Teremos a reescrita do texto organizado na aula anterior.</p> <p>⇒ Faremos uma produção paralela, para os alunos faltantes.</p> <p>⇒ Produziremos um texto. (TEXTO 2: QUEM É O BOM DA IDENTIDADE)</p> <p>⇒ Falaremos sobre a visita-estudo da próxima aula.</p> <p>⇒ Lembraremos de trazer para a próxima aula: ✓ um objeto pessoal, que tenha relação com sua história pessoal. ✓ a autorização assinada pelos seus responsáveis para fazermos a visita ao museu.</p> <p>⇒ Levaremos o texto: OS BRINQUEDOS DA TURMA. (Elardo França)</p>	<p>11/10/11 ⇒ terça-feira 3 AULAS: 18h:50 às 19h:29 21h:02 às 21h:41 21h:41 às 22h:20</p> <p>⇒ Faremos a visita-estudo ao Museu Histórico Municipal de São José/SC (Rua Gaspar Neves, 3175 - Centro Histórico de São José)</p> <p>⇒ Voltaremos para a escola para a continuação das aulas.</p> <p>⇒ Conversaremos sobre o que é memória e quais foram as impressões mais significativas da visita-estudo.</p> <p>⇒ Teremos uma contação de história.</p> <p>⇒ Trabalharemos com os objetos pessoais trazidos pela turma.</p> <p>⇒ Finalizaremos com a leitura do texto A CHEGADA.</p>	<p>14/10/11 ⇒ sexta-feira 2 AULAS: 19h:29 às 20h:08 20h:23 às 21h:02</p> <p>⇒ Faremos a leitura do texto: O TÍCO-TÍCO VOADOR.</p> <p>⇒ Conversaremos sobre o que são memórias literárias?</p> <p>⇒ Teremos a leitura do texto "Manoel por Manoel".</p> <p>⇒ Faremos a produção de um texto, como proposta de finalização do projeto.</p> <p>⇒ TEXTO 3: TEXE UMA MEMÓRIA PARA GUARDARMOI!</p> <p>⇒ Finalizaremos com a música "Dois mundos. (Ed Motta)"</p>
--	---	---	---	---

Produções textuais:



PLANO DE AULA 2

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA)

Professora regente: Karla Parmigiani Pereira

Estagiária: Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 5ª série/EJA

Data da atividade: 07/10/11 - sexta-feira

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 40 minutos

Horário:

19h29 às 20h08



20h23 às 21h02

TEMA:

Identities e lugares.

OBJETIVO GERAL:

Busca-se, através da reescrita e da produção textual, ampliar os conhecimentos referentes às convenções da escrita relacionadas às regularidades ortográficas do sistema linguístico e gráficas do texto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Potencializar o processo de escrita através da produção de um texto, a partir das discussões realizadas na aula (espaços, lugares, imagens).
- Reescrever o texto, verificando as possíveis dificuldades relacionadas às questões linguísticas.
- Relacionar as discussões feitas na oralidade com o processo de escrita de um texto, enfatizando os elementos da narrativa e da autobiografia.
- Ressaltar as regularidades do funcionamento interativo da língua, através de textos orais e escritos, e da análise sistemática de aspectos discursivos e linguísticos.

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Escrita: retomar a produção do texto escrito em primeira pessoa. Contribuir para ampliar a escrita e os diálogos com o próprio texto.
- Oralidade: discussão sobre o que revela um documento de identidade e, a partir da conversa, produzir um texto autobiográfico.

METODOLOGIA:

- 1°. Retomar a discussão sobre a descoberta do espaço da instituição e verificar se os faltantes dispuseram-se a realizar a atividade proposta no dia anterior.
- 2°. Abordar, no quadro, as possíveis dificuldades manifestadas na produção textual.
- 3°. Propor a reescrita do texto elaborado na aula anterior, considerando as experiências posteriores de análise das imagens e da visita aos espaços representados nas imagens.
(REESCRITA DO TEXTO 1: O LUGAR QUE EU OCUPO)- ver anexo com as produções.
- 4°. Se for o caso, fazer a produção paralela para os alunos faltantes.
- 5°. Fazer atendimento individualizado, considerando cada estudante em seu tempo de escrita.
- 6°. Retomar a discussão sobre identidades feita na aula anterior, indicar a atividade com o documento de identidade (ver anexo). A proposta é fazer uma produção escrita a partir do preenchimento de um modelo de documento de identidade, ou seja, escrever sobre quem é a pessoa identificada no documento.
(TEXTO 2: QUEM É O DONO DA IDENTIDADE)
- 7°. Após o término da produção, recolher as produções para posterior correção.
- 8°. Convidar para a visita-estudo da próxima aula e finalizar com as palavras:
Museum - latim e Mouseion - grego
- 9°. Entregar o convite explicativo para visita ao museu na próxima aula (ver anexo). Lembrar a proposta de trazer um objeto pessoal que tenha relação com sua história pessoal.

- 10°. Entregar para leitura fruição o texto: OS BRINQUEDOS DA TURMA. (FRANÇA, Eliardo. **Memórias da literatura infantil e juvenil**: trajetórias de leitura. Disponível em: <http://www.lector.com/Portal/FlipEx/FlipEx.aspx?uId=4UNoc7A0niI%3d&pId=Q27uJq806Zs%3d>)

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Cópias da folha com a atividade 'documento de identidade'
- Cópias do convite explicativo da visita ao museu.
- Cópias da autorização para passeio-estudo (para alunos menores de 18 anos).

AVALIAÇÃO:

Análise das contribuições pertinentes às discussões acerca do reconhecimento das identidades, considerando os aspectos concentração e respeito aos diferentes tempos de cada um nesse processo.

Apreciação do processo de reescrita do texto, considerando tempos e possibilidades de ampliação da escrita dos estudantes.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: **Estética da criação verbal**. Tradução direta do russo: Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JESUS, Conceição A de, Reescrevendo o texto: a higienização da escrita, *In*: J. Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli (coords. vol.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2000, v.1, p.99-117

Anexos - PLANO DE AULA 2:

Documento de identidade adaptado para atividade proposta:

Território da aula de português

Escola: _____

Turma:
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ASSINATURA DO TITULAR

CARTEIRA DE IDENTIDADE
THOMAS UREO & SOUZA

Não é válido como documento

REGISTRO GERAL _____ DATA DE EXPEDIÇÃO _____

NOME _____

FILIAÇÃO _____

NATURALIDADE _____ DATA DE NASCIMENTO _____

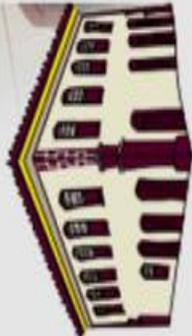
ENDEREÇO _____

CPF _____

ASSINATURA DO DIRETOR

LEI Nº 7.116 DE 29/08/88

Convite visita-estudo:

<p>CONVITE PARA 5ª SÉRIE/EJA</p> <p>Visita-estudo:</p> <p>MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ/SC</p>  <p>Local: Rua Gaspar Neves, 3175 – Centro Histórico de São José/SC.</p> <p>SUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE!</p>	<p>A VISITA-ESTUDO:</p> <p>QUANDO: 11/10/11 SAÍDA: COLÉGIO BARREIRÃO HORÁRIO: 18h50</p> <p>O QUE LEVAR:</p> <ul style="list-style-type: none">- autorização de saída da escola (para menores de idade)- caderno, caneta e um objeto pessoal que tenha relação com sua história pessoal. <p>O MUSEU:</p> <p>Casario construído por volta de 1772 é um marco arquitetônico. Único prédio intacto em sua construção original. O prédio já abrigou a Guarda Nacional, serviu de residência e Escola Militar. Atualmente abriga no andar superior o Museu Histórico Municipal de São José e no andar inferior a Biblioteca Pública do município. Seu acervo é diversificado e conta com coleções de porcelanas, armamentos, mobiliários e instrumentos musicais.</p>	<p>VOCÊ SABIA?</p> <p>Museu vem da palavra Museum em latim e significa casa ou templo das musas, filhas de Zeus e Mnemosine (a deusa da memória). As nove filhas de Mnemosine eram:</p> <ul style="list-style-type: none">CLIO (história),EUTERPE (música),TALIA (comédia),MELPÔMENE (tragédia),TERPSICORE (dança),ERATO (poesia amorosa),POLIUIA (poesia lírica),URÂNIA (astronomia) eCALIOPE (poesia heroica). 
--	--	---

OS BRINQUEDOS DA TURMA

Nós fazíamos nossos próprios brinquedos. A turma andava pelas duas ou três oficinas da cidade atrás de rolimã para fazer carrinhos. O carrinho de rolimã, para quem não sabe, se faz com tábuas e, claro, rodinhas de rolimã. O carrinho se despenca de uma ladeira e desce com tudo. É dirigido com os pés, porque as rodas dianteiras são móveis. Às vezes eu tinha arranhões saudáveis, sem maiores consequências.

Nossa turma jogava bolinha de gude e futebol de botão. Tinha também o finco, que era jogado por duas pessoas, assim: uma haste de metal que se jogava no chão para cair em pé, fincado. Cada um tinha uma casa que era um triângulo, riscado no chão. Um menino começava a atirar o finco de sua casa, jogava e riscava uma linha no chão, até errar. Ganhava o jogo quem conseguisse dar a volta na casa do outro e voltar para sua casa. E valia fechar o caminho do outro. Esses eram os nossos brinquedos.

E a cachoeira?! Em Santos Dumont pescávamos de guarda-chuva! Era assim: numa época do ano — acho que fevereiro, se não me engano — acontece a desova. Hoje sei que é uma tremenda sacanagem, mas na época não sabia. Na época da desova o peixe sobe o rio e quando chega à cachoeira ele salta, para ultrapassá-la. Então, abríamos um guarda-chuva bem onde eles iam cair. Com isso pegávamos quilos de lambari. Passado no fubá de milho e frito, era uma delícia!

Na minha casa somos dois filhos, eu e meu irmão. Eu sou mais velho que ele dois anos, mas para mim ele era um menino, não o deixava entrar na turma. Até hoje tenho amigos daquela época. Amigos de quando tinha sete anos. Amigos e amigas. Também várias meninas que estudaram comigo. Até hoje a minha razão para voltar a Santos Dumont é ver essa turma.

AUTOR: Eliardo França.

LIVRO: Memórias da literatura infantil e juvenil: trajetórias de leitura

Disponível em : <http://www.lector.com/Portal/FlipEx/FlipEx.aspx?uid=4UNoc7A0nil%3d&pid=0.27uJq806Zs%3d>

Produção textual (reescrita):

MEMÓRIAS LITERÁRIAS	
Outubro/2011	
<u>Volta à Sala de Aula</u>	
CENTRO EDUCACIONAL MUNICIPAL PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE Texto 1: O LUGAR QUE EU OCUPO Data: 04/10/11 NOME: <u>Lúcia Borges dos Santos</u> TURMA: <u>508</u>	<p>Chamo-me Lúcia Borges dos Santos. Tenho 60 anos e resolvi voltar às aulas, estudar depois de 46 anos não foi fácil decidir voltar, na condição de idosa, tenho que superar limites, mas estou gostando muito.</p> <p>Era um sonho terminar o ensino fundamental e ensino médio.</p> <p>Os professores são muito pacientes, compreensivos e ensinam bem. Teus colegas de sala, são muito legais e solidários uns com os outros.</p> <p>Gostei muito da aula de hoje. A professora, estagiária Izabel, mudou toda a rotina, com novas atividades. Fexeu com nossa memória. Terrible tudo a estudar foi muito bom!</p>
<small>DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ PROFESSORA REGENTE: KARLA PARMIGIANI PEREIRA ESTAGIÁRIA: IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SANTOS</small>	

PLANO DE AULA 3

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA)

Professora regente: Karla Parmigiani Pereira

Estagiária: Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 5^a série/EJA

Data da atividade: 11/10/11 - terça-feira

Tempo de aula: 3 horas-aula, com 40 minutos

Horário:

18h50 às 19h29 | 21h02 às 21h41 | 21h41 às 22h20

TEMA:

Identidades, lugares e espaços da cidade.

OBJETIVO GERAL:

Conhecer o espaço-museu como algo público e responsável pela conservação da memória física da cidade, relacionando, assim, os aspectos culturais locais com o reconhecimento das identidades de cada um, ou seja, reconhecer o lugar de convivência diária dos indivíduos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Inventariar os espaços da cidade e as memórias ligadas aos estudantes por meio da percepção do local e do global.
- Ampliar conhecimentos acerca da oralidade (fala e escuta) pela discussão sobre memórias pessoais.
- Reconhecer-se como sujeito de direito dos espaços da cidade (comunidade e escola).
- Reconhecer os espaços públicos da cidade.

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Oralidade: situações de intercâmbio oral (fala-escuta), ampliando os conhecimentos acerca do tema identidade.
- Questões da cultura local: conhecer a cidade e o lugar ocupado pelos estudantes da EJA na cidade de São José.

METODOLOGIA:

- 1°. Visita-estudo com a 5ª série/EJA. A saída da instituição para visitar o Museu Histórico Municipal de São José/SC terá acompanhamento da professora regente, professora orientadora e professora estagiária. A turma será recebida por um historiador, o qual conduzirá uma visita monitorada pelo acervo do museu.
A proposta de visita ao museu intenciona estabelecer relações entre os espaços da cidade (conhecidos ou não) e o lugar que ocupamos nessa sociedade. Entender o espaço-museu como algo público que contém um pouco da memória de cada um dos moradores do país. (ver fotos no anexo)
- 2°. Retomar o conceito de memória explicado no convite entregue na aula anterior.
- 3°. Buscar, durante a visita, contribuir para que os estudantes conheçam elementos da memória açoriana, bem como o centro histórico da cidade.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Agendamento prévio da visita monitorada ao Museu Histórico Municipal de São José/SC.
- Cópias do texto A CHEGADA.

AVALIAÇÃO:

Observar a participação dos estudantes durante a aula e o passeio-estudo. Verificar a participação em situações de oralidade, considerando clareza, coerência e adequação nesse processo.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. Tradução direta do russo: Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf

http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/10/TDE-2006-02-23T11:53:59Z-84/Publico/Edina%20Furlan%20Rampineli.pdf

Anexos - PLANO DE AULA 3:

Fotos visita-estudo Museu Histórico Municipal de São José/SC:



NOSSOS OLHARES



PLANO DE AULA 4

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA)

Professora regente: Karla Parmigiani Pereira

Estagiária: Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 5^a série/EJA

Data da atividade: 14/10/11 - sexta-feira

Tempo de aula: 2 horas-aula, com 40 minutos

Horário:

19h29 às 20h08



20h23 às 21h02

TEMA:

Memórias literárias: a construção de lugares e espaços.

OBJETIVO GERAL:

Desenvolver situações de aprendizagens que possam contribuir para a produção de um texto do gênero memórias literárias, oportunizando aos estudantes o uso da escrita como marca de um tempo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar/reconhecer/identificar aspectos linguísticos necessários para a produção de um texto na primeira pessoa.
- Reconhecer/Identificar aspectos composicionais do gênero do discurso 'memórias literárias', compreendendo os usos e as funções dessa escrita na sociedade.
- Valorizar as memórias individuais, na composição de uma instalação cujo tema é "lugares e espaços".

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Leitura: ler, com autonomia, um texto de memória literária. Compreensão dos recursos linguísticos utilizados para compor esse gênero literário.
- Escrita: produzir texto do gênero memórias literárias. Escrever, considerando aspectos discursivos, as

regularidades ortográficas do sistema linguístico e gráficas do texto.

- Oralidade: ampliação do processo fala e escuta. Ampliação dos repertórios e manutenção da memória individual e coletiva.

METODOLOGIA:

- 1°. Retomar o assunto visita ao museu, através de imagens/fotografias, questionar quanto ao acervo e quais foram as impressões da visita-estudo?
- 2°. Fazer a leitura do texto A CHEGADA (ver anexo), no qual apresenta a memória do primeiro dia do estágio de observação.
- 3°. Retomar a discussão do que se viu nas últimas aulas.
- 4°. Articular os textos produzidos com as memórias literárias e as nossas próprias histórias. Entregar o texto O TICO-TICO VOADOR (ver anexo) e convidar alguém para ler. Analisar o gênero de texto apresentado e o que produzimos até agora.
- 5°. Distribuir para leitura fruição, o texto 'Manoel por Manoel' (ver anexo).
- 6°. Distribuir uma folha com a proposta: "Deixe uma memória para guardarmos"
(**TEXTO 3: "DEIXE UMA MEMÓRIA PARA GUARDARMOS"**)-ver anexo
- 7°. Propor que escrevam um texto do gênero memórias literárias, para integrar a instalação "lugares e espaços", a qual iniciou as discussões sobre lugar e espaço, quando da primeira aula do projeto de docência.
- 8°. Recolher as produções para correção e rescrita.
- 9°. Agradecer a parceria e finalizar com a música 'Dois mundos. (Ed Motta)'

RECURSOS DIDÁTICOS

- Agendamento prévio da sala multimídia
- Autorização para a elaboração da instalação final do projeto
- Cópias do texto "Manoel por Manoel"
- Cópias da atividade "Deixe uma memória para guardarmos"

AVALIAÇÃO:

Analisar o envolvimento e dedicação dos estudantes durante a elaboração da instalação. Observar a adequação da escrita em relação ao gênero proposto e às convenções da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. Tradução direta do russo: Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2007.

<http://www.museudapessoa.net/mdl/memoriasDaLiteratura/>

<http://www.downloads.cooperativacec.com/memorias.pdf>

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2007.

MANOEL POR MANOEL

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um lado orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes cranceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

AUTOR: Manoel de Barros
LIVRO: Memórias Inventadas: a infância
Ermo: despojado, deserto, solitário

O TICO-TICO VOADOR

Ele era amarelo, tinha tons de vermelho nas laterais e de tão forte parecia ser feito de ferro. Já havia visitado muitos lugares e estava sempre disposto a novos desafios e éramos inseparáveis. Eu sempre acreditei que ele voava. Isso porque Chico, meu irmão e grande herói da infância, me fez acreditar que o melhor da vida é sentir o cabelo ao vento, o friozinho na barriga e isso era voar.

Na casa de madeira, também amarela, havia uma rampa que dava na lateral da cozinha e era ali, enquanto sentia o cheiro do feijão cozinhando, que eu e meu irmão treinávamos os vôos do tico-tico. Confesso que eu queria ir sempre mais longe e meu sonho era descer a rampa para prolongar a sensação pura e simples da liberdade. Ele, aos poucos, largava (eu e o tico-tico) e segurava-nos na metade da rampa. Sempre achei que o tico-tico, assim como eu, precisávamos de mais espaço, de mais rampa, de mais vôos. Desejávamos voar.

Um dia, pois sempre tem um dia, resolvi voar sem meu irmão. Passei o almoço planejando o vôo, calculei a hora mais apropriada e o tempo de fuga. Busquei o tico-tico, que dormia no porão da casa e subimos cautelosamente pelo lado oposto da casa, cuja escada era enorme. Ficamos a espera da oportunidade perfeita.

Assim que o Chico foi levar ou buscar algo no porão, nos colocamos no alto da rampa. O tico-tico parecia dizer: é agora.

Largamos.

Foi incrível: o vento batendo no rosto, o cabelo solto, as sandálias perdidas no caminho e os pedais girando sozinhos. Ainda sinto a beleza do que é voar e trago na pele uma lembrança desse dia, pois no fim da rampa havia um murinho, no qual deixei cravado meu rosto.

O tico-tico ficou torto, as rodas deixaram de ser redondas e eu fiquei sei “voar” por um bom tempo. O Chico, disse-me há pouco tempo, que quando viu aquele raio amarelo passando pela janela do porão, acreditou que eu voava para outro lado da rua e sem o tico-tico e sei os dentes.

Ainda bem que tinha o muro.



Produção textual:

Versão 1:

de repente né né

MEMÓRIAS LITERÁRIAS
Outubro/2011

do → de
vender - vendi

TÍTULO:
primeira becaleta

É história que eu sou contadora quando
tinha 4 pra 5 anos em limbo como se fosse hoje
é a história de... Quando eu era pequena,
quando eu acordei um dia no colégio quando
eu tinha terminado de tomar café eu
fui deitada pra quando de repente eu
vi uma coisa que era uma becaleta
até com um jeito de repente eu fui dita
ta pra sua avó com ela quando eu
dei a primeira palavra eu vi e eu
já disse um ditado: "Tem ainda
muito que aprender"
Essa é minha história

Fim

CENTRO EDUCACIONAL MUNICIPAL PROFESSORA MARIA TRACEMA MARTINS DE ANDRADE
Data: 14/10/2011
NOME: Isabel Cristina da Rosa dos Santos
TURMA: 508

DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
PROFESSORA REGENTE: KARLA PARNIGIANI PEREIRA
ESTAGIÁRIA: IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SANTOS

		MEMÓRIAS LITERÁRIAS	
		Outubro/2011	
<p style="text-align: center;">CENTRO EDUCACIONAL MUNICIPAL PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE</p> <p>Texto3: "Deixe uma memória para guardarmos"</p> <p>Data: _____</p> <p>NOME: _____</p> <p>TURMA: _____</p>	TÍTULO:	_____	
	<p>A história que eu sou contar era quando eu tinha 4 pra 5 anos lembro como se fosse hoje</p> <p>Era inverno lá em Uberlândia, 8:00 horas, quando eu acordei para tomar café quando eu tinha terminado de tomar café eu fui direto para quintal, quando de repente eu vi um ratão trazendo uma sacolinha</p>		

DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
PROFESSORA REGENTE: KARLA PARMIGIANI PEREIRA
ESTAGIÁRIA: IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SANTOS

MEMÓRIAS LITERÁRIAS	
Outubro/2011	
TÍTULO:	
<p>As manhãs de domingo em Curitiba eram maravilhosas, a família reunida, íamos ao zoológico e almocávamos uma comida leve e saudável, que minha preparadora, a mais velha tinha que cuidar dos mais novos</p> <p>meu pai gostava de nos levar ao zoo para vermos os bichos e eu sempre ficava muito contente pois as vezes ficávamos lá o domingo inteiro. Tinha muitos bichos no zoo de Curitiba, lá nos anos 60, mas os que mais chamaram minha atenção eram os macacos. aqueles macacos eram muito alveidos,</p>	
CENTRO EDUCACIONAL MUNICIPAL PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE Texto3: "Deixe uma memória para guardarmos"	Data: NOME: TURMA:
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ PROFESSORA REGENTE: KARLA PARMIGIANI PEREIRA ESTAGIÁRIA: IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SANTOS	

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Outubro/2011

TÍTULO:

Manhãs de domingo

As manhãs de domingo em Curitiba eram maravilhosas, a família reunida, íamos ao zoológico e almoçávamos um almoço levada de casa, que minha mãe preparava. Eu a mais velha tinha que ajudar a cuidar de meus irmãos mais novos. Meu pai gostava de levar a as crianças ao zoo para verem os bichos e eu sempre ficava muito contente, pois ficávamos o domingo inteiro lá, tinha muitos bichos no zoo de Curitiba lá nos anos 60, mas os que mais chamavam minha atenção eram os macacos. Alguns macacos eram muito atrevidos, um deles agarrou minha mão para tomar um saco de pipóca que eu trazia. Tivei um grande susto. Nunca mais quis visitar os macacos no zoológico.

DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
PROFESSORA REGENTE: KARLA PARMIGIANI PEREIRA
ESTAGIÁRIA: IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SANTOS

CENTRO EDUCACIONAL MUNICIPAL PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE

Data: _____
 Texto3: "Deixe uma memória para guardarmos"

NOME: Luciana Borges dos Santos
 TURMA: 208

2.3 Docência e fazer pedagógico: refletindo sobre o vivido

O importante é exercitar o olhar atento, o escutar comprometido dos desejos e necessidades do grupo revelados em seus gestos, falas, expressões, em suas linguagens, enfim. (OSTETTO, 2001, sp) ⁴³

O projeto de docência aqui apresentado foi "compreendido na ação: prever, fazer, registrar e avaliar, para então seguir planejando-replanejando de acordo com o movimento, os desejos e as necessidades do grupo". (OSTETTO, 2001)⁴⁴ Sendo assim, as perspectivas teóricas utilizadas na elaboração/execução da docência pautaram-se em um ensino atento para as funções sociais do uso da linguagem. A escolha dos recursos utilizados (filme, músicas, textos e visita-estudo), revela uma concepção dialógica da linguagem e um fazer pedagógico fundamentado no conceito de que

Toda palavra serve de expressão a 'um' em relação ao 'outro'. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. (BAKHTIN, 1999, p.113) ⁴⁵

Ancorada na construção de uma prática pedagógica permeada por essas relações dialógicas de interação e de troca de conhecimentos, optei por situações de aprendizagem que evidenciassem o uso efetivo da oralidade (fala e escuta), da escrita e leitura. Deste modo, as aulas desenvolvidas

⁴³ OSTETTO, Luciana. **Planejamento na educação infantil... Mais que atividade, a criança em foco.** Disponível em: http://www.komarca.com.br/diariodacreche/planejamento_na_educ.htm

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 4.^a ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

envolveram aspectos da leitura e escrita de textos do gênero memórias literárias, reconhecimento dos espaços da instituição educativa e da cidade.

Vale registrar que um dos desafios foi a inadequação do tempo para as atividades propostas, talvez em função do meu desconhecimento do ritmo da turma, ou do meu despreparo teórico, visto das raras discussões teóricas durante o curso sobre quem é o sujeito que frequenta EJA, seus ritmos e histórias. Isso ocasionou alterações nos planos de aula, já após a experiência da primeira aula: planejara produções textuais e reescritas para o mesmo dia e isso não aconteceu em função, principalmente, do ritmo apresentado pelos estudantes para elaboração dos textos, e dos momentos necessários para explicações sobre elementos gramaticais. Essas situações de adequação do planejado e do vivido, ampliou minha compreensão de que a partir da reflexão sobre a prática vivida “[...] são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permitem perceber os problemas que permeiam as atividades e a fragilidade da prática.” (PICONEZ, 1994, p.27)⁴⁶

Revejo meus registros da docência, tentativas cotidianas de marcar um tempo de intensas impressões. Percebo a relação construída com a turma nos momentos da docência, o compromisso dos estudantes com a minha proposta e em especial a participação da aluna “D” e do filho “F”, que vieram na minha última aula (sexta-feira), contrariando seus princípios religiosos. Sua fala ficará marcada na minha história de formação profissional: *“Nós viemos porque você tem muito para nos ensinar, não podíamos perder teu último dia com a gente”*. Ou ainda, a fala de “L”, uma semana após o período da docência: *“Nunca imaginei que ter mais uma ‘profe’ na sala*

⁴⁶ PICONEZ, Stela C.B. (org) **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1994.

seria tão bom, mostrar as mesmas coisas da aula de jeitos diferentes”

Compreendo a importância dessas relações e a necessidade de repensar o tempo da docência, visto que alguns pontos do ensino da língua (devolutivas dos textos, grafia de algumas palavras, tempos verbais e elementos de coesão) não foram aprofundados. Reflito sobre os estudantes trabalhadores e suas dificuldades em chegar a tempo hábil para o início das aulas. E pergunto-me quanto o curso proporcionou (ou não) subsídios para se pensar na modalidade EJA. Parece-me que a discussão acerca da alfabetização/letramento e da educação básica não apresentou um contraponto com a EJA.

Nessa trajetória de possíveis cruzamentos, pretendi refletir sobre os usos da língua e conseqüentemente, os processos de desenvolvimento e aprendizagem na/para referida turma da 5ª série/EJA, pois

[...] não se trata mais de apreender uma língua para dela somente se apropriar, mas trata-se de usá-la e, usando-a, aprendê-la. Também não basta devolver meramente ao aluno a palavra, mas devolver e aceitar a palavra do outro como constitutiva de nossas próprias palavras. (PCSC, 2000, p.67) ⁴⁷

O período do estágio oportunizou um processo contínuo de construção de conhecimentos sobre a prática docente. Nesse exercício da docência, a inserção na instituição permitiu-me a participação no conselho de classe, reuniões pedagógicas e seminário expositivo das atividades escolares de 2011 e formação continuada.

Nesse fazer docente, a formação continuada inteirou um lugar de troca, debates, questionamentos e reflexões realizadas na formação continuada - edição 2011. Participaram

⁴⁷ SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** Disciplinas Curriculares. Florianópolis: IOESC, 2005. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/proposta-curricular?start=1>

profissionais da educação atuantes na EJA, na rede municipal de ensino da cidade de São José, enriquecendo as discussões, as quais oportunizaram um olhar atento sobre as práticas, locais de trabalho e os sujeitos que frequentam a EJA. Importante considerar que,

[...] nessa perspectiva de diálogo e formação, as transformações da prática passam a ser consideradas como sínteses de mediações, continuamente renovadas, entre ação e reflexão e requerem o papel ativo do professor construindo o seu próprio desenvolvimento profissional. (FRANCO, 2005, sp)⁴⁸

Logo, o lugar da formação continuada é consolidado a partir dessas trocas no sentido de romper com a cultura do isolamento profissional e na busca de uma ação educativa capaz de discutir e reivindicar condições que comportem um fazer pedagógico articulado e comprometido. Articulação essa que considera a formação, a profissão e as reais condições materiais do cotidiano educativo. As atividades de formação “[...] convergem, portanto, para o movimento de elaboração/re-elaboração da cultura profissional docente, ou seja, com a constituição incessante do modo de sermos professores”. (ALMEIDA, 2005, p.12)⁴⁹

Compreendo que um processo de formação assim “deve permitir ao professor desenvolver a habilidade de pesquisar sua própria prática e discuti-la com seus pares, de modo a transformar a escola num espaço de formação contínua.” (ALVES & PALMA, 2003, p.288)⁵⁰ Nesse sentido, vale ressaltar que a formação continuada é parte intrínseca do fazer pedagógico,

⁴⁸ FRANCO, Maria A. S. Pesquisa-Ação sobre a Prática Docente. In: **Educação e Pesquisa**. vol.31 n.º.3 São Paulo Sept./Dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000300008&script=sci_arttext

⁴⁹ ALMEIDA, Maria Isabel de. Formação Contínua de Professores. In: **Formação contínua de professores**. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/150934FormacaoCProf.pdf>

⁵⁰ ALVES, Maria Leila & PALMA, João Cardoso. Formação continuada: memórias. In: BARBOSA, Raquel Leite. (ORG) **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003.

concretizando momentos de discussão e de ampliação da dialogicidade docente.

Portanto, é oportuno entender que a formação continuada é uma conquista do profissional das Redes de ensino, seja público ou privado, e que contribui para

[...] desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: avaliar a necessidade potencial e a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida constantemente nas instituições: desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação; proporcionar as competências para ser capaz de modificar as tarefas educativas continuamente, em uma tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos; comprometer-se com o meio social. (IMBERNÓN, 2006, p.69)⁵¹

Destarte, refletir sobre o fazer pedagógico é considerar a amplitude das ações que o abarcam: o cotidiano, os sujeitos e a instituição, as atuações na formação, as certezas e as incertezas.

⁵¹ IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2006.

3. PROJETO EXTRACLASSE: DOIS MOMENTOS

Somos el relato que nosotros y los demás
contamos de nosotros mismos.
(ECHEVERRÍA, 2006, p. 56)⁵²

Conhecer e registrar um cotidiano educativo pleno de histórias e de sujeitos que se constituem sócio-culturalmente na/pela interação com o outro. Compreendo que essa vivência refinou meu olhar acerca de que somos todos “seres narrados e seres narrantes, com todas as implicações favoráveis disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo”. (GIRARDELLO, 2000)⁵³

Pensando nessas histórias e nas relações culturais existentes na instituição, apresento o projeto de trabalho para atividades extraclasse: *Literatura oral africana e contação de histórias: alguns olhares*. O referido projeto foi desenvolvido em dois momentos (oito horas) e contemplou crianças do ensino fundamental I, estudantes do magistério da EEB Wanderley Junior (instituição vizinha ao CEMIA)⁵⁴ e profissionais das duas instituições. Orientou-se pela pergunta: “como entrelaçamos a contação de histórias e literatura oral africana nos espaços coletivos de educação?”

A expectativa quanto ao desenvolvimento do projeto incidiu:

⁵² ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontologia del lenguaje**. Buenos Aires; Granica: Saez, 2006.

⁵³ GIRARDELLO, Gilka. **Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas**. Disponível em: <http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/aNarracao.pdf>

⁵⁴ Localização: R Otto Julio Malina, 438. São José/SC.

- Em relação a experienciar o momento da história: apresentar uma contação de histórias para as crianças das turmas séries iniciais do ensino fundamental, com a participação das professoras regentes, auxiliares de sala e coordenadoras de ensino;
- Em relação às histórias no contexto educativo: proferir uma palestra sobre a literatura oral africana e suas implicações pedagógicas.

Por conseguinte, cabe fundamentar a compreensão e a opção por este contar que acontece não somente no plano da linguagem, mas também compreende imagens, musicalidade, reverberações corporais e culturais. Nesse sentido, entendo que

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e freqüentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta. (BARTHES, 1976, p. 19) ⁵⁵.

Ancorando-me nas leituras e discussões realizadas durante o curso de licenciatura Letras/Português, na disciplina de literatura africana e em especial no curso de formação de contadores de histórias/SESC-SC⁵⁶, apresento um projeto considerando que há uma intersecção entre experiência da contação de histórias e experiência da literatura oral africana.

⁵⁵ BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

⁵⁶ Destaco as contribuições:

→ Na arte de contar histórias, o arte-educador e amigo *Celso Sisto*, mostrou-me o caminho das histórias. Para conhecê-lo: <http://www.celsosisto.com/>

→ Na literatura Africana, a professora *Susan de Oliveira*, apresentou-me uma África de muitas cores e sabores.

3.1 A EXPERIÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Atente os seus ouvidos/Mais às coisas do que
aos Seres / À voz do Fogo, fique atento,/Ouça a
voz das Águas. Ouça através do Vento/A Savana a
soluçar É o Sopro dos ancestrais.
(BIRAGO DIOP)⁵⁷

Contar histórias é muito mais que espalhar palavras, é atentar para as 'coisas', permitir que o tempo pare e invada nosso pulsar. Refletir acerca das histórias, dos sujeitos envolvidos, dos elementos narrativos (voz e corpo) e do papel do contador de histórias remete à percepção de que

Durante a narração, a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas também através do ar: pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária - arrepios, suspiros, sustos - causada pelas emoções que a história desencadeia. (GIRARDELLO, 2003)⁵⁸

É o desenrolar da vida e o contador de histórias prossegue disposto a deixar que a história escolha como e por quem quer ser contada, atravessando tempos e espaços, pois "elas (as histórias) não precisam de nenhuma tecnologia para serem passadas. Mantiveram-se vivas por trezentos, quatrocentos anos, pela força das pessoas e das verdades que elas encerram". (RAMOS, 2005, p, 16)⁵⁹

Logo, a contação de histórias está intimamente ligada à tradição africana que vive da palavra: palavras cantadas, palavras contadas, palavras vivas na boca dos velhos

⁵⁷ Poema **Sopro**, em tradução de Leo Gonçalves. BIRAGO DIOP (1906 - 1989) foi um poeta e contista senegalês, nascido em Ouakam, nos arredores da capital Dakar.

⁵⁸ GIRARDELLO, Gilka. Voz, Presença e Imaginação: A narração de histórias e as crianças pequenas, In: **Anais da 26ª Reunião da Anped**, 2003.

⁵⁹ RAMOS, Roberto Carlos In: MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

contadores de histórias, recriando o mundo à medida da imaginação e da arte.

3.1.1 O PLANEJAMENTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Alguém que toma gosto em ouvir histórias, provavelmente, procurará lê-las também. Ou, até mesmo, chegará a escrevê-las, já que o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. (MEIRELES, 1979, p. 42)⁶⁰.

Palavras e histórias prenes de intenção, voz e texto em consonância com quem ouve, sente e emociona-se. É pensando nesse contar carregado de fruição, de movimentos do corpo e da voz que apresento a proposta de contação para as crianças do ensino fundamental da instituição CEM Maria Iracema Martins de Andrade. Acredito que a contação de histórias, seja ela nas instituições educativas, nos parques, na rua, na vida das pessoas, pode (e deve)

Extrapolar as amarras do didático, do exemplar e do mero informativo. Saltar da obrigação de ensinamento para a noção de fruição, de prazer estético, de embelezamento da conversa trocada através de uma história, do exercício de linguagem que procura a forma adequada para dizer-se de si mesmo. (SISTO, 2007, p.39)⁶¹

Segue o planejamento:

⁶⁰ MEIRELES, Cecília. **Problemas na literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

⁶¹ SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). **Memorial do Proler**: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, 2007.

RECURSOS PRÉVIOS:

- Espaço previamente reservado - auditório;
- Seleção das histórias;
- Seleção das músicas (mp3);
- Material cenográfico pessoal (guizos, sombrinha colorida);
- Comunicação prévia aos professores da apresentação e da importância de sua presença durante a contação.

ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO:

DIA 13 DE OUTUBRO DE 2011 - MANHÃ/TARDE

- Início com a música da tradição oral "*Eu vou para a lua*"⁶².
- Apresentação e cumprimentos à platéia.
- Convite para acompanhar a canção entre as histórias:
"*São três histórias, depois da primeira já vem a segunda, depois da segunda já vem a terceira. Depois da terceira já vai acabar. Eu te pergunto qual será? Qual a histórias que vai começar?*"
- A contação apresentou as seguintes histórias, conforme organização das turmas:

1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental:

- ⊕ Chuva e sol. (conto popular).
- ⊕ Música *A Chuva*. (cantiga popular).
- ⊕ O pintor do céu. (conto popular Tibet).
- ⊕ Severino faz chover (Ana Maria Machado)- adaptação ao texto.
- ⊕ Música: *A Lenda do Brilho da Lua* (Emílio Pagoto e Silvio Mansani).

⁶² Cantiga popular do interior do Brasil: "*Eu vou para a lua, que a lua da lua é a terra, que a terra da lua é a lua. Eu vou para a lua, ver a lua...*"

Era uma princesa
tinha um brilho
forte no olhar
via nas estrelas
companheiras de
brincar

Houve um rei malvado
invejoso pra danar
quis roubar seu
brilho

transformar em pó
e tomar com água

Pra ficar mais belo
de se admirar
Para ter seu brilho
que ninguém podia
pegar

Ele fez de tudo
mas não conseguiu

arrancar
ficou furioso
e mandou castigar

Nem o castigo cruel
seu brilho pode
apagar
e o rei então
prende-a no céu
e ela vive na lua
que vive a brilhar

Registros fotográficos da contação:



4° e 5° ano do Ensino Fundamental:

- ⊕ Severino faz chover (Ana Maria Machado)- adaptação ao texto.
- ⊕ João jiló. (conto popular do Brasil).
- ⊕ O nascimento da Ilha de Boriquém - Porto Rico. (adaptação ao texto)

- ⊕ Intervenções sobre a chuva e o som das águas.
- ⊕ Despedida com as canções das histórias.

Registros fotográficos da contação:



3.2 A EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA ORAL AFRICANA

É a palavra que diz o que é, sendo o que diz. A palavra é um bem. A fala é vida, é ação. É sopro que transforma. A fala faz acontecer o que preexiste em potência em cada movimento do universo. (Vanda Machado)⁶³

Sim, são palavras que atravessam o tempo e o espaço, percorrem as histórias e a cultura afro-brasileira e africana. Materializam na voz, a (re)existência da África, pois os contadores de histórias (*griots*) consideram "a fala como uma força fundamental que emana do próprio ser. [...] a fala pode se tornar cada vez mais forte na medida em que circula como energia que renova a vida". (MACHADO, p.105)⁶⁴

Nesse sentido, a experiência da literatura oral africana focalizou a cultura afro-brasileira, na intenção de perceber uma rede multicultural em contínua construção e compreender que a "literatura oral é o conjunto de manifestações literárias de uma sociedade ou civilização preservadas por meio da palavra falada e ou cantada". (LOPES, 2004, p. 392)⁶⁵

⁶³ Texto: TRADIÇÃO ORAL E VIDA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA. Disponível em: http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cIII.pdf

⁶⁴ *Idem.*

⁶⁵ LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

A proposta dessa discussão buscou aporte nas questões legais, mais especificadamente a Lei 10.639⁶⁶, nas Diretrizes Curriculares de Educação das Relações Etnicorraciais⁶⁷, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Estatuto de Promoção da Igualdade Racial⁶⁸.

Portanto, ao entrelaçar histórias e literatura oral africana buscou-se uma intersecção entre o proposto pela lei e o que se conhece da cultura afro-brasileira. Neste sentido, o projeto esteve em consonância com as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, na medida em que incidiu em um dos principais focos da cultura africana: a oralidade. A relevância da proposta “diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, [...]”. (p.17)⁶⁹

Deste modo, a palestra contemplou o entendimento de que “Enxergar a África, talvez seja, ver o *mapamúndi* [sic] pelo avesso, porque ela nos traz tantas forças, verdades, sons, cores, palavras e sotaques nos revelando as

⁶⁶ “A Lei nº 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; o Parecer do CNE/CP 03/2004 que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; e a Resolução CNE/CP 01/2004, [...]É nesse mesmo contexto que foi aprovado, em 2009, o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL, 2009). Ver texto na íntegra em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12988:pareceres-e-resolucoes-sobre-educacao-das-relacoes-etnico-raciais&catid=323:orgaos-vinculados

⁶⁷Ver texto na íntegra em:<http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>

⁶⁸ Ver texto na íntegra em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/359794.pdf>

⁶⁹ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>

africanidades.” (TORRES, 2009, p. 68)⁷⁰ Logo, as raízes multiculturais estão refletidas nessa cultura que considera o ouvir, a musicalidade das palavras e a memória.

⁷⁰ TORRES, Francisco Leandro. VOZES E VISÕES, CANTOS (GRIOTS) E CABELOS: -AFRIBRASIL. In: LIMA, Tania. (Org). **Griots - culturas africanas**: linguagem, memória, imaginário. Natal: Lucgraf, 2009.

RECURSOS PRÉVIOS:

- Espaço previamente reservado - auditório;
- Elaboração slides;
- Seleção das músicas (mp3);
- Confeção do material de divulgação (cartaz);
- Comunicação prévia aos professores e estudantes das instituições CEMIA e EEB Wanderley Junior;
- Divulgação nas duas instituições através dos cartazes:



ROTEIRO DA PALESTRA

DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2011 -19h

- Início com a contação da história: "A lenda do baobá" (Conto da literatura oral africana).
- Discussões acerca das relações oralidade e espaços educativos⁷¹.
- Finalização com distribuição de sugestões de literatura oral africana.

Registros fotográficos da palestra:



⁷¹ Ver slides em anexo.

ANEXOS – PALESTRA LITERATURA ORAL AFRICANA



LITERATURA ORAL AFRICANA

30 milhões de Km²
900 milhões de habitantes
53 países

"Emergir a África, talvez seja, ver o *mopamudi*, [sic] pelo avesso, porque ela nos traz tantas forças, verdades, sons, cores, palavras e sotaques nos revelando as africanidades."

África: multiplicidades
culturas, etnias, espiritualidades, línguas, dialetos, comunidades, hábitos, valores, costumes específicos, idéias e concepções.

Temta vários pontos de interrogações, junto com exclamações que nos fazem repensar, revelar, reaprender a olhar o mundo a partir de outras perspectivas que não aqueles olhos ocidentalizados.

Francisco Leão 3

Quem são os *griots*? Só há eles?
Quais ADINKRA conhecemos e carregamos?
Quais histórias da literatura oral conhecemos e contamos?
Qual África apresentamos para nossas crianças?
Quais tambores nos tocam a alma?

Peço atenção agora meus senhores
Pros tambores os tambores
Pois o que bate agora meus senhores
São tambores os tambores
São tambores os tambores
Mas fonte que o apote dos festores
São tambores os tambores
Seu toque é o toque de espinhos e fiores
São tambores os tambores
São tambores os tambores

Cura a dor de amor com mais anores
São tambores os tambores
Soam onde eu for onde tu fores
São tambores os tambores
São tambores os tambores
Baza do mais quente dos calores
São tambores os tambores
Som do yí cores incoir
São tambo
São tambo

Vovô Dembo é alto que nem o baobá e mais sábio que o marabá.
Vovô Dembo é o meu avô, ele conta histórias melhor que ninguém.
- Diga, Vovô Dembo, Me diga qual é a cor da África?
- A África, meu pequeno Chaka, é amarela como o grande rio, é verde como a folha da palmeira.
A África, meu pequeno Chaka, Tem todas as cores da vida.

A África é preta como a minha pele, é vermelha como a terra, é branca como a luz do melodia, é azul como a sombra da noite.

POUCO, Maria. A África, meu pequeno Chaka. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

O QUE DIZ A LEI?
"A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas".(p.11)

Resolução Conselho Nacional para a Educação das Relações Raciais - Brasil e do Conselho Nacional de Cultura Afro-Brasileira e Africana

Pergunta:
Como é reproduzida a cultura africana no ocidente?



Sempre me ressentir como afro-descendente da inexistência de livros que falassem sobre a África ou que contassem suas histórias. Sem procurar muito, até hoje é bem mais fácil encontrar livros com lendas européias, vikings, russas, japonesas.

Paulo Freire 1997



LITERATURA INFANTIL ?

Atentar para
"viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um outro. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de estar em seu lugar ou que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo."(DELEUZE, 1977, p. 1)

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: por uma filosofia que não seja um livro*. Rio de Janeiro, 2013.

Os perigos de uma história única
(Guarandiré Medeiros)

"É impossível se falar de uma única história sem se falar de poder. Há uma palavra, uma palavra de etíope *jabo*, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder no mundo, e a palavra é "jabo". É um substantivo que livremente se traduz: "Seu malor que o outro". Como nosso mundo econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "jabo". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não se contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva de outra pessoa".

Atente os seus ouvidos
Mais às coisas do que aos Seres
À voz do Fogo, fique atento,
Ouça a voz das Águas,
Ouça através do Vento
A Savana a soluçar,
É o Sopro dos ancestrais.

(BIRAGG)

Estas pedras sonham ser casa sei porque falo a língua do chão nascida na véspera de mim minha voz ficou estubo do mundo,

pregada nas arelas do líndico agora, ouço em mim o sotaque da terra e choro com as pedras a demora de subirem ao sol.

BIRAGG, B. *Os filhos da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

LITERATURA ORAL AFRICANA

- BARBOSA, Rogério Andrade. ABC do continente africano. – Paulinas
- _____. Bichos da África (Lendas e Fábulas) - Ed. Melhoramentos.
- _____. Como as histórias se espalharam pelo mundo. São Paulo: DCL,
- _____. Contos Ao Redor Da Fogueira - Ed. AGIR - RJ - 1990
- _____. Contos Africanos Para Crianças Brasileiras – Paulinas.
- _____. Histórias Africanas Para Contar E Recontar – Ed. Do Brasil.
- _____. O filho do vento. São Paulo: DCL, 2001.
- _____. O segredo das tranças e outras histórias africanas. Scipione. 2008.
- _____. Outros Contos Africanos Para Crianças Brasileiras . – Paulinas
- BRAZ, Julio Emilio. Lendas negras. II. Salmo Dansa. São Paulo: FTD, 2001.
- _____. Sikulume e outros contos africanos. II. Luciana Justiniani. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- BRENNAN, Ilan. Contador de história de Bolso – África. Moderna
- _____.As narrativas preferidas de um contador de histórias. Editora Landy, 2005
- DIOUF, Sylviane A. As tranças de Bintou. Cosac Naify, 2004
- DREGUER, Ricardo. □Bia na África. São Paulo, Moderna
- KREBS, Laurie . Um safári na Tanzânia. Edições SM, 2007
- LIMA, Heloisa Pires de. A semente que veio da África . São Paulo: Salamandra.
- MEDEARIS, Ângela Shelf. Os sete novelos: um conto de Kwanzaa. Cosac Naify, 2005
- MOUTINHO, Jose Viale. Contos Populares de Angola. Editora Landy 2000
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. Rua Luanda. Paulinas, 2007
- PINGUILLY, Yves. Contos e lendas da África. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- PRANDI, Reginaldo. Contos e lendas afro-brasileiros : a criação do mundo. São Paulo: Cia. das Letras.
- _____. Oxumarê, o Arco-Iris. Cia das Letras, 2004
- ROCHA, Ruth. ... Que eu vou para Angola. ... II. Claudia scatamacchia
- SANTOS, Joel Rufino dos . Gosto de África: histórias de lá e daqui. 3. Ed. Global, 2005
- _____. Joel Rufino dos. O presente de Ossanha. Global, 2006
- SELLIER , Marie . A África, meu pequeno Chaka... Companhia das Letrinhas, 2006
- SISTO, Celso. Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos. II. do autor. São Paulo, Paulus, 2007



3.3 EXTRACLASSE: aproximações com o cotidiano da sala

O sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...]. (LARROSA, 1999, p.52)⁷²

O período do projeto extraclasse configurou um momento de reflexão e questionamentos acerca das reverberações culturais e sociais, das imersões em histórias (minhas e do outro), visto que para o fazer pedagógico “[...] a reflexão é um processo que ocorre **antes, depois e durante a ação** do professor, constituindo um processo de reflexão na ação e sobre a ação”. (MIRANDA, 2006, p. 134)⁷³ (grifos meus)

Percebo, a partir das apreciações da execução do projeto, que a proposta ‘*Literatura oral africana e contação de histórias: alguns olhares*’, configurou diferentes públicos e conseqüentemente subsidiou elementos para (re)pensar as práticas pedagógicas incorporando a pluralidade das manifestações e as dimensões culturais.

Nesse sentido, vale ponderar que provavelmente um dos desafios de um projeto extraclasse esteja na interpretação da proposta e do público alvo. Essa reflexão pauta-se no segundo momento do projeto, o qual seria uma palestra com foco na discussão das questões afro-brasileiras que envolvem a lei e as implicações dela decorrentes no currículo escolar. Portanto, uma atividade direcionada exclusivamente para estudantes do curso de magistério. Entretanto, possivelmente por questões interpretativas da instituição, estiveram presentes estudantes do ensino médio

⁷² LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana - danças piruetas e mascaradas**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

⁷³ MIRANDA, Marília G. de. O Professor Pesquisador e Sua Pretensão de Resolver a Relação Entre a Teoria e a Prática na Formação de Professores. In: **O Papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papyrus, 5 ed, 2006.

e da 8ª série, os quais não estavam contemplados no planejamento do projeto.

Vale aludir a necessidade da acuidade do olhar da instituição em atender as propostas apresentadas pelo estágio, sejam palestras, teatros ou filmes, e adequar as especificidades, interesse, foco e faixa etária.

A análise desse momento leva-me a ponderar sobre a necessidade da constante pesquisa durante a ação pedagógica que possibilita ao profissional da educação trabalhar

[...] identificando problemas de ensino, construindo propostas de solução com base na literatura e em sua experiência, colocando em ação as alternativas planejadas, observando, analisando os resultados obtidos, corrigindo percursos que se mostram pouco satisfatórios. Essa idéia (sic) é defendida como forma de desenvolvimento profissional dos docentes e também como uma estratégia para a melhoria do ensino. (ANDRÉ, 2001, p. 16) ⁷⁴

Nesse sentido, vejo a importância desses momentos, os quais incidiram dentro de um contexto sócio-histórico onde estão situados professor, estudantes, a instituição educativa e o conhecimento. E o que poderia "[...]contribuir mais para a formação de um educador do que refletir sobre a realidade que observa e depois retornar a essa mesma realidade para inová-la e transformá-la?" (ELIAS, 1988, p.26) ⁷⁵

Busco compreender como ocorreram as aproximações com o cotidiano de sala e os distanciamentos e rupturas no que se refere a outros espaços/tempos educativos. E, especialmente, entender que o processo ensino-aprendizagem, vinculado a ações pedagógicas, não pode estar desvinculado da realidade histórica política e social do país.

⁷⁴ ANDRÉ, Marli. (org). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papyrus, 2001.

⁷⁵ ELIAS, Marisa Del C. A busca do caminho da prática de ensino. In: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.). Encontros e Desencontros da Didática e da Prática de Ensino. **Cadernos CEDES**. nº 21, 1988

CONCLUSÃO: TECENDO PERGUNTAS SOBRE O ESTÁGIO

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p. 21)⁷⁶

Matizes do período de estágio: imersão em um contexto educativo vivo, dinâmico e intenso. Experiência de registrar com palavras multiplicidades históricas e culturais. Conhecer, (re)aprender e refletir acerca do lugar da educação.

Entendo o estágio como uma proposta metodológica e política que possibilita a construção de saberes a respeito da prática pedagógica desenvolvida no cotidiano das instituições coletivas de educação. E, portanto, não pode ser entendido como uma tarefa burocrática, "Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças." (KULCSAR, 1994, p.65)⁷⁷

Revisitei teorias e busquei-as no lugar/espço de uma instituição educativa da rede pública de um município da grande Florianópolis. Encontrei intersecções e sistematizações da unidade teoria/prática. O desafio estava em interpretar os fazeres pedagógicos, os saberes e sabores desse lugar inaugural. Exercício intenso de olhar e

⁷⁶ LARROSA, Jorge Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>

⁷⁷ KULCSAR, Rosa. O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora. In: PICONEZ, Stela C. B. (org.) **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado.** 2ª edição. Campinas, SP: Papirus, 1994.

refletir acerca de 'um outro', na tentativa de aproximação curso de licenciatura Letras/Português da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com o Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA).

Nesse sentido, questiono-me quanto aos encaminhamentos dos espaços educativos, no que se refere aos seus sujeitos freqüentadores e principalmente pergunto-me sobre esse 'outro' tão presente nas teorias da educação. Retomo a idéia de que

[...] chamar ao outro para uma relação escolar sem considerar as relações do outro com outros; é a produção de uma diversidade e uma alteridade que é pura exterioridade de nós mesmos; uma diversidade que apenas se nota, apenas se entende, apenas se sente. (SKLIAR, 2003, p.39)⁷⁸

Consequentemente, esse período de inserção na referida instituição possibilitou a convergência das experiências pedagógicas e das teorias, aproximações das realidades cotidianas. Uma vivência não desvinculada do contexto social, político e cultural e que constitui a

[...] necessidade de que a prática de Ensino envolva comportamentos de observação, reflexão crítica, reorganização das ações, características próximas à postura de um pesquisador, investigador, capaz de refletir e reorientar sua própria prática, quando necessário. (KENSKI, 1994, p.11)⁷⁹

Esse processo de constante reflexão configurou-se na busca de construir uma prática educativa que "[...]faça da **mesmidade** um pensamento insuficiente para dizer, sentir,

⁷⁸ SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". In: **Ponto de Vista**, Florianópolis, n.05, 2003.

Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/03_skliar.pdf

⁷⁹ KENSKY, Vani M. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICONEZ, Stela C. B. (Org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2.ed., Campinas, SP : Papirus, 1994.

compreender aquilo que tenha acontecido; que emudeça a **mesmidade**". (SKLIAR, 2003, p.46)⁸⁰ (*grifos meus*)⁸¹

Nesse sentido, finalizo o período do estágio tecendo minhas '*Muitas perguntas que afundas de respostas e/ Não afastam minhas dúvidas*'⁸², acerca do interação universidade e instituições de ensino básico: conseguimos dar a devolutiva do trabalho realizado e quais seriam as possibilidades de continuação desses projetos? Seria possível proporcionarmos uma formação continuada aos professores da instituição alvo de estágio?

Assim, seguirei levando perguntas e buscando respostas.

⁸⁰ *op cit.*

⁸¹ Mesmice, conforme o Dicionário Aurélio, indica: "ausência de variedade ou de progresso; inalterabilidade". No contexto do texto de Skliar pode-se ler no sentido pejorativo de um mesmo.

⁸² Da canção: Enquanto Durmo, composta por Zélia Duncan.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de. Formação Contínua de Professores. In: **Formação contínua de professores**. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/150934FormacaoCProf.pdf>

ALVES, Maria Leila & PALMA, João Cardoso. Formação continuada: memórias. In: BARBOSA, Raquel Leite. (ORG) **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003.

ANDRÉ, Marli. (org). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo (SP): Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 4.^a ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

CHARLOT, Bernard. **Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador**. Entrevista disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspea12.pdf>

_____, Bernard. **O professor na sociedade contemporânea: Um trabalhador da contradição**. In: Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

DIAS, Karina Sperle. Formação Estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sônia. **Infância e Educação Infantil**. Campinas - SP: Papirus, 1999.

ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontologia del lenguaje**. Buenos Aires; Granica: Saez, 2006.

ELIAS, Marisa Del C. A busca do caminho da prática de ensino. In: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.). Encontros e Desencontros da Didática e da Prática de Ensino. **Cadernos CEDES**. n° 21, 1988

FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FRANCO, Maria A. S. Pesquisa-Ação sobre a Prática Docente. In: **Educação e Pesquisa**. vol.31 n° 3 São Paulo Sept./Dec. 2005.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000300008&script=sci_arttext

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. *In*: J. Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli (coords. vol.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1997, p. 17-24.

GERALDI, João Vanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. *In*: FRITZEN, Celdon e SILVA, Gladir da. **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papyrus, 2007, p.39-57.

_____, Gilka. Voz, Presença e Imaginação: A narração de histórias e as crianças pequenas, *In*: **Anais da 26ª Reunião da Anped**, 2003.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2006.

JESUS, Conceição A de, Reescrevendo o texto: a higienização da escrita, *In*: J. Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli (coords. vol.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2000, v.1, p.99-117.

KENSKY, Vani M. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. *In*: PICONEZ, Stela C. B. (Org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2.ed., Campinas, SP : Papyrus, 1994.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KRAMER, S. **Propostas pedagógicas ou curriculares de educação infantil: para retomar o debate**. Revista *Proposições*, Faculdade de Educação da UNICAMP, v. 13, n. 2 (38), maio 2002, p. 65-82.

KULCSAR, Rosa. O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora. *In*: PICONEZ, Stela C. B. (org.) **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 2ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

LAFFIN, Maria Hermínia L Fernandes. Linguagem escrita: leitura, produção e reestruturação. Joinville: (mimeo), 1997. *Apud* SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**:

educação infantil, ensino fundamental e médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana - danças piruetas e mascaradas**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____, Jorge Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 1998.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MEIRELES, Cecília. **Problemas na literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MIRANDA, Marília G. de. O Professor Pesquisador e Sua Pretensão de Resolver a Relação Entre a Teoria e a Prática na Formação de Professores. In: **O Papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 5 ed, 2006.

OLIVEIRA, Tânia Amaral, e Outros. **EJA - Educação de Jovens e Adultos** - 5ª série Editora IBEP, 2007.

OSTETO, Luciana. **Planejamento na educação infantil... Mais que atividade, a criança em foco**. Disponível em: [http://www.komarca.com.br/diariodacreche/planejamento na educ.htm](http://www.komarca.com.br/diariodacreche/planejamento%20na%20educ.htm)

_____, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloisa Raquel de; MESSINA, Virgínia da Silva. **Deixando marcas: a prática do registro no cotidiano da educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

PAES, José Paulo. **Poesia para crianças: um depoimento**. São Paulo: Giordano, 1996.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de Professores: pesquisa, representações e poder**. 2ª Ed. Autêntica, 2006.

PICONEZ, Stela C.B. (org) **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1994.

RAMOS, Roberto Carlos In: MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: IOESC, 2005. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/proposta-curricular?start=1>

SECAD/MEC, **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: observação e registro**. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno3.pdf

SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). **Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem**. Joinville, UNIVILLE, 2007.

SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". In: **Ponto de Vista**, Florianópolis, n.05, 2003. Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/03_skliar.pdf

TORRES, Francisco Leandro. VOZES E VISÕES, CANTOS (GRIOTS) E CABELOS: -AFRIBRASIL. In: LIMA, Tania. (Org). **Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro e Reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

ANEXOS

Anexo 1

FLAFO DE TRAPO

Ana Maria Machado

Espantalho mais bonito e elegante nunca se tinha visto por aquelas redondezas. Nem por outras, que ele era mesmo carregado de belezas. Precisava só ouvir a conversinha do Dito Ferreira enquanto montava o espantalho, todo orgulhoso do seu trabalho:

- Nunca vi coisa igual. O patrão caprichou de verdade. Vai botar no campo um espantalho com roupa de gente ir à festa na cidade.

E era mesmo. Tudo roupa velha, claro, como, convém a um espantalho que se preza. Mas da melhor qualidade, roupa de se ir à igreja em dia de procissão e reza.

Dito Ferreira mostrava todo prosa:

- Esse chapéu é de um tal de veludo. E vejam que beleza essa camisa cor-de-rosa.

Tem até coração bordado... O patrãozinho pensou em tudo. Com uma gravata de seda, fez esse cinto estampado. Até a palha do recheio é toda macia e cheirosa.

Não é que era mesmo, a danada? Tinha um perfume forte, que ajudava a espantar a passarada.

Ah, porque é preciso também dizer que aquilo tudo dava certo, funcionava tanto... O espantalho elegante era mesmo um espanto.

Passarinho nem chegava perto. E lá ficava sozinho, espetado no milharal deserto. O patrão ficava feliz com um defensor tão eficiente. Dito Ferreira se alegrava com aquela figura imponente. Que espantalho diferente! Só que eles nem sabiam que diferença era essa.

Como todo espantalho, esse não andava nem falava, mas tinha o dom de poder sentir as coisas ao seu jeito - para um boneco de palha, isso era um grande defeito. E era só por causa do desenho que tinha bordado no peito. Linhas de cor em forma de coração - e pronto, lá estava o pobre espantalho sofrendo com a solidão! Ninguém se aproximava dele, ninguém fazia um carinho, e ele ficava tão triste, só, espantando passarinho...

De longe via uma passarada, de todo tipo e feição. Pintassilgo e saíra, cambaxirra e corruíra, rolinha e corrupeirão. Pássaro de toda cor, de todo canto e tamanho, de todo a-e-i-o-u - sabiá, tié, bem-te-vi, curió e nhombu. Vontade de chamar:

Vem cá me ver, bem-te-vi!

Vontade de mostrar:

Tico-tico, olha lá o teco-teco!

Mas não adiantava, ninguém chegava perto. E o tempo passava. Horas e dias, dias e semanas, semanas e meses, meses e anos.

E o espantalho ficava no tempo. No bom tempo e no mau tempo. No sol que queimava e na chuva que molhava. No mormaço que fervia e no vento que zunia.

E seu cheiro se gastava, sua cor se desbotava, sua seda desfiava, seu veludo se puía. Até que um dia...

No tempo tem sempre um dia. Um dia em que muda o tempo e um tempo novo se inicia. Pois foi o que aconteceu. Houve um dia em que choveu. Mas não foi chuva miúda, foi pra valer, de verdade, foi mesmo um deus-nos-acuda, uma imensa tempestade, de granizo, raio, vendaval, com aguaceiro e temporal, chuva de muito trovão que virou inundação.

Quando a chuarada passou e o sol voltou, um arco-íris no céu se formou. E na beleza do dia novo, azul lavado, vieram os pássaros, em bando assanhado, ocupando todo o campo, ciscando no milharal. Livres, soltos, à vontade, numa alegria sem igual.

Foi aí que Dito Ferreira reparou:

Cadê o espantalho velho?

Saiu todo mundo procurando. Não acharam. Nem podiam achar. Ele tinha desmanchado, tinha sido carregado, pelo vento espalhado, pela chuva semeado, com a terra misturado, plantado naquele chão, sua palha adubando muito pé de solidão.

Do que sobrou por aí, foi tudo virando ninho, protegendo com carinho filhotes que iam nascer.

Veludo em trapos, seda em farrapos, coração bordado em fiapos, maciezas boas de se esquecer. E hoje em dia, sua palha misturada na terra ajuda a planta a crescer.

Os trapos de sua seda, o seu forro de bom cheiro, farrapos de seu veludo se espalhavam desde o galinheiro até a mais alta árvore que tenha um ninho barbudo. E em cada ovo que nasce ali por aquele lugar, cada ninhada que se acerca à procura de calor, em cada vida a brotar, em cada marca de amor, seu coração sobrevive num fiapinho de cor.

Machado, Ana Maria. Quem perde ganha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Anexo 2

Fragmento do livro: A Hora da Estrela, indicado no livro didático.

[...] O que é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida.[...]

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?[...]

Quem antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar "quem sou eu?" Cairia estatelada em cheio no chão. É que "quem sou eu?" Provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto.[...]

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se "panos", diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.

E assim se passava o tempo para a moça esta. Assoava o nariz na barra da combinação. Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto. Só eu a vejo encantadora. Sé eu, seu autor, a amo. Sofro por ela. E só eu é que posso dizer assim: "que é que você me pede chorando que não lhe dê cantando"? Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. [...] Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era.

Anexo 3

O dia em que acabou a luz...

Imagine você em casa, com sua família reunida em torno da TV ou do rádio. De repente, tudo se apaga... Acabou a luz... Olhos arregalados... ÊÊÊÊÊ! E ao longe, os murmurinhos dos vizinhos, todos resolvendo o que fazer...

E agora? Procuram-se as velas, candeeiros, lanternas, lampiões... É nessa hora que tudo escapa de nossas mãos. E pensar que estávamos tão acostumados a uma porção de antenas ligadas na tomada, largando palavras em nossos ouvidos atentos!

Acendem-se pontos de luz na escuridão, e acontece uma mágica: palavras, recordações.

É a gente contando histórias, fatos que vêm na lembrança e até causos de assombração... É gente falando versos, é primo com cara cansada se animando a contar piadas... É brincadeira com as palavras voltando à memória. Até uma irmã magrela de tudo, de palavra e de emoção, começa a lembrar o nome das bonecas que teve na infância... Mãe que não tinha tempo pra nada conta das promessas que fez pra santo Antão. Alguém lembra do avô que dizia ensinamentos, o outro inventa um jeito de brincar no "quase escuro"... E quanta brincadeira se faz quando a gente não tem o que fazer.

(Texto produzido pelos autores especialmente para o livro didático)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: CEM MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE

Turma: 5ª SÉRIE (EJA)

Professor(a): KARLA PARMIGIANI PEREIRA

Estagiário(a): IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SANTOS

Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/08/11	18h50 - 19h29	- elementos da narrativa	Karla Parmigiani Pereira
Aula 2	16/08/11	19h29 - 20h08	- produção textual	Karla Parmigiani Pereira
Aula 3	16/08/11	20h23 - 21h02	- produção textual e leitura de texto	Karla Parmigiani Pereira
Aula 4	19/08/11	19h29 - 20h08	- diálogo com textos em modalidades	Karla Parmigiani Pereira
Aula 5	19/08/11	20h23 - 21h02	- diálogo com o texto (continuação)	Karla Parmigiani Pereira
Aula 6	23/08/11	18h50 - 19h29	- iniciando o LD como identidade	Karla Parmigiani Pereira
Aula 7	23/08/11	20h23 - 21h02	- as relações de causa e efeito como relações elementares	Karla Parmigiani Pereira
Aula 8	23/08/11	21h02 - 21h40	- habilidade de leitura de texto e elementos prosódicos	Karla Parmigiani Pereira
Aula 9	26/08/11	19h29 - 20h08	- reescritura do texto - recuperação para o texto	Karla Parmigiani Pereira
Aula 10	26/08/11	20h23 - 21h02	- reescritura e atendimento sobre o texto produzido.	Karla Parmigiani Pereira

FORMAÇÃO CONTINUADA ⇒ 25/08/11 ⇒

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 356140

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Getoldo Anderson Da Silva, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenogo, e o(a) estagiário(a) Izabel Cristina Da Rosa Gomes Dos Santos, CPF 874.324.719-91, telefone 4832589565, e-mail beigomes2712@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 7174012 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cuni/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina MEN7001.
- Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Centro Educacional Municipal Barreirão, de 08/08/2011 a 09/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Karla Parmigiani.
- Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.805/0001-02).
- Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.
- Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.
- Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 356140

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

ATIVIDADES: estágio de observação, elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula, estágio docência, avaliação, relatório e socialização dos resultados na comunidade escolar.

Local e Data:

Flópolis, 22 de dezembro de 2011

Izabel Cristina Da Rosa Gomes Dos Santos
Izabel Cristina Da Rosa Gomes Dos Santos - Estagiário

Getoldo Anderson Da Silva
Getoldo Anderson Da Silva - Representante na CONCEDENTE

Diva Zandomenogo
Diva Zandomenogo - Coord. Estágios do Curso - UFSC
Coordenadora de Estágios do Curso de Graduação em Letras Portuguesas
CCFL/UFSC

Maria Izabel de Bortoli Hentz
Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Karla Parmigiani
Karla Parmigiani - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 356140 - Gerado pelo SIARE em 26/08/2011 às 06:47:51 hs.

